



OUTROS CORPOS NOSSOS



Other Bodies of Ours

Fotografias/Photographs
Aghi

Editor/Editor
Caio Simões de Araújo

As minorias sexuais e de género têm sido historicamente vistas como os “outros” marginais da sociedade dominante. Essa experiência de “alteridade” tem sido crucialmente constitutiva das identidades LGBTQ, moldando personalidades e marcando as fronteiras imaginárias entre esta comunidade e a sociedade em geral. Nesse contexto, o corpo é um terreno no qual essa alteridade é vivida, experienciada e, muitas vezes, subvertida. Se a identidade é corporificada, mediada pelo corpóreo, a inserção destes corpos no espaço, na cidade – para uma pessoa pode ir, que sítios uma pessoa pode chamar de seu – não é simples. Ao contrário, esta questão está inserida na política de visibilidade e reconhecimento LGBTQ. Apesar das várias adversidades, as pessoas queer ainda tomam a rua, ocupam a cidade, constroem um espaço próprio, um espaço a que pertencem. Ao reivindicar uma identidade, um corpo, e uma cidade como “nossos”, o movimento LGBTQ, seus artistas e activistas, emite uma mensagem urgente de pertencimento e empoderamento. Aqui, esta breve mistura de palavras – Outro, Corpos, Nossos – incorpora essas várias dimensões da experiência queer: a imbricação da alteridade e do eu, a corporalidade das identidades e a reivindicação urgente de pertencer a uma comunidade.

Pensando nisso, o projeto Outros Corpos Nossos segue um grupo de artistas e activistas queer enquanto eles conquistam um espaço no mundo e na cidade. Os textos, fotografias, retratos e testemunhos constituem um arquivo vivo e vivido de narrativas queer em Maputo. Como tal, este livro foi projetado para confundir as linhas tênues entre a história pública e a biografia privada. As fotografias não documentam apenas um evento, mas são o produto da conversa entre o fotógrafo, os artistas, e os espaços públicos e privados que estes ocupam. Ao apresentar este trabalho, o livro espera interrogar os próprios meios pelos quais memórias e arquivos são produzidos, silenciados, e reativados em meio às lutas políticas por direitos, visibilidade e reconhecimento LGBTQ. O projeto pretende facilitar um diálogo importante em torno da vida queer em Moçambique, promovendo a visibilidade e o empoderamento LGBTQ através das linguagens da fotografia e da história oral como estratégias de produção de arquivos e de ativismo.

Sexual and gender minorities have been historically construed as the marginal “others” of dominant society. This experience of “otherness” has been crucially constitutive of LGBTQ identities, shaping personalities and marking the imaginary boundaries between the community and society at large. In this context, the gendered and sexed body is a terrain in which this otherness is lived, experienced and often subverted. If identity is embodied, mediated through the corporeal, the placement of bodies in space, in the city – where one can go, the place one can call their own – is no simple matter. Rather, it is embedded in the politics of queer visibility and recognition. In spite of adversity, queer people still take to the street, occupy the city, carve a space of their own, a space where they belong. By claiming an identity, a body and a city as “ours”, the LGBTQ movement, its artists and activists, issue an urgent message of belonging and empowerment. Here, this short concoction of words – Other, Bodies, Ours – incorporates these dimensions of queer experience: the overlapping of otherness and self, the corporeality of identities, and the urgent claim for belonging in a community.

With this in mind, the project Other Bodies of Ours follows a group of queer artists and activists as they carve out for themselves a space in the world, and in the city. The texts, photographs, portraits and testimonies comprise a living and lived archive of queer narratives in Maputo. As such, this book has been designed to blur the tenuous lines between public history and private biography. The photographs do not solely document an event; they are the product of the conversation between the photographer, the performers, and the public and private spaces they occupy. In presenting this work, the book hopes to interrogate the very means by which memories and archives are produced, silenced and reactivated in the midst of political struggles for LGBTQ rights, visibility and recognition. The project facilitates important dialogue surrounding queer life in Mozambique by promoting LGBTQ visibility and empowerment through the languages of photography and oral history as strategies of archive-making and activism.



OUTROS CORPOS NOSSOS

Other Bodies of Ours

Fotografias/Photographs
Aghi

Editor/Editor
Caio Simões de Araújo

OUTROS CORPOS NOSSOS

Other Bodies of Ours

Fotografias/Photographs
Aghi

Editor
Caio Simões de Araújo

Conteúdo

ENSAIOS	
“Porque nós Existimos”: Sobre Arquivos Vivos – <i>Caio Simões de Araújo</i>	6
15 Anos de Visibilidade Positiva – <i>Francelino Zeúte</i>	10
Emoções e Activismo: Criando Laços Sociais Contra o Medo e o Estigma – <i>Nelson Mugabe</i>	14
FOTOGRAFIAS	
19	
ENTREVISTAS	
Parte I: ‘Onde Eu Me Encontrei’	104
Parte II: ‘Achados e Perdidos’	112
Parte III: ‘Meu Espelho’	114
INTERVENÇÕES	
Nota Sobre Outros Corpos Nossos – <i>Aghi</i>	140
Silêncios Falados – <i>Pamina Sebastião</i>	142
Outros Corpos Nossos – <i>Mnapemgo Námoda</i>	146

Contents

ESSAYS	
“Because We Exist”: On Living Archives – <i>Caio Simões de Araújo</i>	8
15 Years of Positive Visibility – <i>Francelino Zeúte</i>	12
Emotions and Activism: Creating Social Ties Against Fear and Stigma – <i>Nelson Mugabe</i>	16
PHOTOGRAPHS	
19	
INTERVIEWS	
Part I: ‘Where I Found Myself’	104
Part II: ‘Lost and Found’	112
Part III: ‘My Mirror’	114
INTERVENTIONS	
Note on Other Bodies of Ours – <i>Aghi</i>	141
Spoken Silences – <i>Pamina Sebastião</i>	144
Other Bodies of Ours – <i>Mnapemgo Námoda</i>	

“Porque nós Existimos”: Sobre Arquivos Vivos

Caio Simões de Araújo

Quando perguntei a várias pessoas, dentre os vinte e sete modelos que aparecem neste livro, por quê decidiram emprestar seus corpos e rostos a esse projecto, recebi várias respostas. Alguns falaram sobre a experiência glamorosa da fotografia por si só e referiram-se ao empoderamento que sentiram ao posarem em frente a uma câmara profissional. Outros mencionaram sobre a função terapêutica, de cura, relacionada à sensação de sentir-se belos e belas, desejáveis, dignos e dignas do nosso olhar enquanto apreciadores da sua arte. Mas, a maioria dos jovens LGBT que participaram neste projecto, também, tinha a consciência de que o que estavam a fazer era um gesto político, pois estavam a mostrar e a viver a sua orientação sexual e identidade de género de maneira aberta, com orgulho e sem medo. Ao apresentarem-se publicamente no Teatro Avenida – uma das mais icónicas salas de espetáculo de Moçambique –, ao festejar a noite toda na Matola, ao posar no meio da rua na baixa de Maputo, estavam a reclamar um espaço para si próprios. Uma resposta comum à minha pergunta, “por quê você concordou em fazer isso?”, era que queriam mostrar à sociedade moçambicana que as pessoas LGBT existem – “porque nós existimos”, eu ouvi várias vezes.

Este livro surge desta vontade colectiva de mostrar ao mundo que as pessoas queer existem: nós já estamos aqui, somos parte da sociedade, ainda que muitas vezes não sejamos reconhecidos enquanto tal. Esta não é, claro, uma particularidade moçambicana. Em todo o mundo, movimentos LGBT tiveram que lutar por espaços de reconhecimento e visibilidade em meio a restrições sociais e políticas. Em Moçambique como em outros sítios, várias formas de mobilização e organização comunitária em redor de questões de género e sexualidade tem progredido ao longo de décadas, ainda que às vezes de maneira discreta, invisível e não-institucional. Muitos

desses movimentos ganharam terreno no contexto da abertura política e da democratização dos anos 1990, quando organizações da sociedade civil desabrocharam não apenas no país, mas também na região. Além da fronteira, movimentos LGBT ganharam espaço com o fim do apartheid e com a descolonização da Namíbia. Seguindo o que foi uma década de muitas mudanças políticas e constitucionais, a Lambda foi formada em 2006, como uma associação de defesa dos direitos das minorias sexuais em Moçambique.

Desde então, muito tem mudado no país – incluindo a descriminalização da homossexualidade em 2015 – mas insistir que “nós existimos” permanece necessário. A Lambda ainda não foi formalmente registada pelo Estado, e questões de orientação sexual e identidade de género continuam relativamente marginais em debates políticos, na cultura popular e em representações dominantes da sociedade moçambicana. Muitas pessoas e ativistas LGBT concordam que maior visibilidade é um instrumento útil, ou mesmo uma condição necessária, em sua luta por mudança social contra o preconceito, a discriminação, a homofobia e a transfobia. Embora, por décadas, uma geração mais antiga de pessoas LGBT tenha, na sua maioria, escolhido viver suas vidas com discrição – às vezes em segredo e com medo – a nova geração é aberta e vocal acerca dos seus sonhos e aspirações. Muitos têm encontrado uma forma de libertação e experimentação nas várias formas de activismo cultural desenvolvidas pela Lambda, incluindo os cursos de formação em voguing e drag que foram oferecidos nos anos 2010 e o grupo cultural criado em 2019, como parte de uma colaboração entre a Lambda e o Centro de Recriação Artística. Oito membros da comunidade LGBT trabalharam em residência artística por quatro meses, sob orientação da atriz Gigliola Zacara, fundadora do Centro.

Em agosto de 2019, o esforço deste grupo de jovens artistas culminou em duas apresentações do grupo cultural – intitulado *Untouchables* – primeiro na Fundação Leite Couto, no dia 15, e depois no Teatro Avenida, no dia 31. Nessas duas ocasiões memoráveis, aos *Untouchables* juntaram-se outros artistas LGBT de vários tipos, incluindo artistas drag, dançarinos, um poeta, um comediante de stand-up, cantores e dançarinos de vogue. Esses eventos foram tudo menos ordinários. Para muitos destes artistas e para a audiência, a maioria da qual oriunda da comunidade LGBT, estas foram das primeiras vezes em que eles iam à duas das principais instituições culturais de Maputo para desfrutar de uma noite de arte e cultura apresentada pela e para a comunidade.

Foram, também, uma clara intervenção política. O nome *Untouchables* refere-se à recuperação, e subversão, de uma situação de exclusão. Porque as pessoas LGBT são frequentemente vistas como párias, como os “intocáveis” da sociedade moçambicana, o uso do termo pelo grupo pretende demonstrar a capacidade das pessoas LGBT de se erguerem acima do preconceito, de se tornarem de certa forma imunes a ele: intocadas por ele¹. Desde então, os *Untouchables* se apresentaram várias outras vezes em diferentes espaços.

Este livro dialoga com estas formas de activismo cultural, reunindo uma série de fotografias de cenas LGBT, incluindo preparações de bastidores para a performance no Teatro Avenida, imagens de festas LGBT organizadas pela Lambda na Matola em duas ocasiões e retratos de membros da comunidade produzidos em várias datas e locais. O livro baseia-se, também, nos resultados do projecto “Arquivos Íntimos: histórias orais queer de Maputo”, realizado em parceria com o Projecto Governing Intimacies, da Universidade do Witwatersrand e com os Arquivos Queer GALA, um arquivo LGBTIQ, ambos com sede em Joanesburgo, África do Sul. Como pesquisador principal deste projecto, realizei dezenas de entrevistas com pessoas LGBT em Maputo, incluindo ativistas, artistas e membros da comunidade em geral. Trechos dessas conversas estão incluídos neste livro ao lado das fotos, como um reconhecimento das vozes e experiências dos participantes, contadas na primeira pessoa. Ao alinhar as fotografias tiradas pelo fotógrafo Aghi com esses textos testemunhais, este livro articula as linguagens visuais da fotografia documental e de retratos e o registo textual de histórias orais e de narrativas, como estratégia de promoção da visibilidade e empoderamento LGBT por meio da criação de arquivos. Texto e fotografias, retratos e testemunhos, irão constituir um arquivo vivo e vivido de vidas queer em Maputo. Em linha com outras iniciativas de activismo queer de todo o mundo, este livro foi projectado para funcionar como uma ‘intervenção arquivística’. Nesse sentido, ele confunde as linhas já tênues entre a história pública e privada, ao mesmo tempo em que questiona os próprios meios pelos quais memórias e arquivos são produzidos, silenciados e reactivados em meio às lutas políticas pelos direitos, visibilidade e reconhecimento LGBT.

A primeira parte do livro documenta os preparativos dos bastidores para a performance no Teatro Avenida, no dia 31 de agosto de 2019. As fotografias mostram o talento, o trabalho e as formas ocultas de dedicação investidas na performance cultural que se seguiu, ao mesmo tempo

que captam as várias fases da transformação dos artistas em sua persona de palco. As imagens também falam, de forma significativa e sutil, do sentimento avassalador de emoção e criatividade, e dos momentos de amizade e de formação de uma comunidade, tal como experienciados pelos artistas. A segunda parte do livro é uma intervenção visual em uma festa LGBT, entendida como mais um importante espaço de sociabilidade e de construção de uma comunidade. As festas públicas organizadas pela Lambda são “espaços seguros” para experimentação e auto-expressão. Neste livro, as fotografias posadas e espontâneas capturam as sensibilidades e os estados de espírito em jogo nesses momentos colectivos de alegria e celebração. O posicionamento da câmara é íntimo, quase familiar. A terceira parte do livro é composta por uma série de retratos de rua com modelos da comunidade LGBT, posando em vários pontos de Maputo. As fotografias mostram a agência e a criatividade dos modelos no diálogo com o fotógrafo, consigo mesmos e com a cidade que os rodeia. O processo de produção dessas imagens, o acto de ocupação do espaço urbano, de tirar fotos em público, foi um gesto de importância política que não deve ser esquecido. O sentido político da exposição, da visibilidade assertiva, marca essa série como um todo. Juntos, as fotografias e o texto constituem um arquivo rico e íntimo da vida, sensibilidade e criatividade LGBT em Maputo.

Caio Simões de Araújo é historiador e antropólogo na Universidade do Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul. Ele tem se debruçado sobre as histórias interseccionais de raça, género e sexualidade em Moçambique e na África Austral. Sua pesquisa se concentrou no colonialismo tardio e na era da descolonização africana como um momento histórico profundamente transformador, cujos legados ainda estão sendo digeridos no presente. Desde junho de 2019, ele tem conduzido várias entrevistas de história oral com membros da comunidade LGBT de Maputo, com o objectivo de construir um arquivo queer sobre a cidade.

¹ Entrevista com Minaj, membro do Grupo Cultural Untouchable. GALA Queer Archives.

“Because We Exist”: On Living Archives

Caio Simões de Araújo

When I asked many of the twenty-seven models who posed for this book why they had decided to lend their bodies and faces to this project, I received various answers. Some told me they truly enjoyed the glamorous experience of photography itself, the empowerment they associated with modelling in front of a professional camera. Others spoke about the therapeutic, healing sensation of feeling beautiful, desirable, worthy of our attention as spectators of their art. But the majority of the young LGBT folks appearing in this project were also aware that what they were doing was a political gesture, as they were performing, living their sexual orientation and gender identities fiercely, proudly and fearlessly. In publicly performing at Teatro Avenida – one of Mozambique’s most iconic theatre halls – in partying all night in Matola, or in posing in the middle of the street downtown, they were claiming a space for themselves. Indeed, a common response to my question, “why did you agree to do it?”, was that they wanted to show Mozambican society that LGBT people exist – “because we exist”, I heard several times.

This book comes out of this collective desire to show the world that queer people exist: we are already here, part of our societies, even if we are not always recognized as such. This, certainly, is not a Mozambican peculiarity. Across the world, queer movements had to fight for spaces of recognition and visibility in the face of social and political constraints. In Mozambique, as elsewhere, various forms of mobilizing and community-making around issues of gender and sexual minorities have been going on for decades, even if in an underground, invisible, or non-institutionalized manner. These

movements gained terrain in the context of the political opening and democratisation of the 1990s, when civil society organisations flourished not only throughout the country but in the region at large. Across the border, LGBT movements also gained momentum with the end of apartheid in South Africa and the decolonisation of Namibia. Following this decade of great political and constitutional change, Lambda was formed in 2006 as an association to protect the rights of sexual minorities in Mozambique.

Since then, much has changed – including the decriminalisation of homosexuality in 2015 – but to affirm “we exist” remains as important as ever. Lambda is yet to be formally recognized as an association by the Mozambican state, while questions of sexual orientation and gender identity remain marginal in political debates, popular culture and mainstream representations of Mozambican society. Many LGBT people and activists are in agreement that greater visibility is a useful tool in, or even a necessary condition of, their struggle for social change and against prejudice, discrimination and queerphobia. While for decades an older generation of LGBT folks found ways to live their lives discreetly – albeit in secrecy and fear at times – the present generation tends to be unapologetic and vocal about their dreams and aspirations. Many found a form of release and experimentation in the opportunities opened up by Lambda’s cultural activism, including the training workshops on voguing and drag the organisation offered in the 2010s, and the cultural group created in 2019, as part of a partnership with the Centro de Recriação Artística. Eight members of the LGBT community underwent a four-month artistic residency under the guidance of the actor Gigliola Zacara, founder of the Centro.

In August 2019, the efforts of these young artists came to fruition when the cultural group – self-titled The Untouchables – performed, first at Fundação Fernando Leite Couto, on the 15th, and at Teatro Avenida, on the 31st. On these occasions, The Untouchables were joined by other LGBT performers of various kinds, including drag artists, dancers, a poet, a standup comedian, singers and vogue performers. The events were no ordinary affairs. For many performers and audience members, most of whom were drawn from the local LGBT community, this was the first time they were visiting two of Maputo’s leading cultural institutions to enjoy an evening of art and culture performed by and for

the community. It was a clear political statement, too. “Untouchable” articulates a sense of reclamation, and subversion, of a situation of exclusion. Because LGBT people are often seen as pariahs, as the “untouchables” of Mozambican society, the group’s reclaiming of the term is meant to demonstrate LGBT people’s ability to rise above prejudice, to become in a way immune to it: untouched by it¹. Since then, The Untouchables have performed various other times.

This book dialogues with these ongoing initiatives in cultural activism by bringing together a series of photographs of LGBT scenes, including backstage preparations for the performance at Teatro Avenida, images of LGBT parties organized by Lambda in Matola on two occasions, and street portraits of members of the community, produced at various dates and locations. The book also draws on the results of the project “Archives of the Intimate: Queer Oral Histories of Maputo, Mozambique”, carried out in partnership with the Governing Intimacies Project, based at Wits University, and the GALA Queer Archive, an LGBTIQ archive, both situated in Johannesburg, South Africa. As the lead researcher of this project, I have carried out dozens of interviews with LGBT folk in Maputo, including activists, artists and members of the community at large. Excerpts from these conversations are included in this book, alongside the photographs, as recognition of participants’ own voices and experiences, as told by themselves, in the first person. By aligning the photographs, taken by photographer Aghi, with these testimonial texts, this book articulates the visual languages of documentary and portrait photography and the textual register of oral histories and story-telling as strategies of promoting LGBT visibility and empowerment through archive-making. Text and photographs, portraits and testimony, comprise a living and lived archive of queer lives in Maputo. In line with other initiatives in queer activism around the world, this book has been designed to work as an “archival intervention”. In this sense, it blurs the already tenuous lines between public and private history, while also interrogating the very means by which memories and archives are produced, silenced and reactivated in the midst of political struggles for LGBT rights, visibility and recognition.

The first part of the book documents backstage preparations before the performance at Teatro Avenida on 31 August 2019. The photographs show the craft, labour and hidden forms of investment put into the

cultural performance that follows, while also capturing the various stages of artists’ transformations into their stage personas. The images also speak, in meaningful and subtle ways, to the overwhelming feeling of excitement and creativity, and to the moments of friendship and community formation taking place among artists. The second part of the book is a visual intervention on an LGBT party, another important space of sociability and community-making. The public parties organized by Lambda are “safe spaces” for experimentation and self-expression. In this book, posed and spontaneous photographs capture the sensibilities and states of mind at play in such collective moments of joy and celebration. The camera’s positioning is intimate, familiar almost. The third part of the book comprises a series of street portraits with models from the LGBT community posing in various spots in Maputo. The photographs show the agency and creativity of the models in their dialogue with the photographer, with themselves and with the city around them. The process of the production of these images, the act of occupying the urban space, of taking photographs in public, was a gesture of political importance that should not be overlooked. This politics of exposure, of assertive visibility, underlines the series as a whole. Together, photographs and text make for a rich and intimate archive of LGBT life, sensibility and creativity in Maputo.

Caio Simões de Araújo is a historian and anthropologist based at the University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. He is interested in the intersectional histories of race, gender and sexuality in Mozambique and in southern Africa. His research has focused on late colonialism and the era of African decolonisation as a deeply transformative historical moment whose legacies are still being digested. Since June 2019, he has conducted several oral history interviews with members of the LGBT community from Maputo, with a view to building a queer archive about the city.

¹ Interview with Minaj, Dancer, Member of Untouchable Cultural Group, GALA Archives.

15 Anos de Visibilidade Positiva

Francelino Zeúte

Desde a criação da Lambda em 2006, nós, enquanto organização, sentimos a necessidade de desenvolver iniciativas voltadas tanto para dentro quanto para fora da comunidade LGBT. Isso quer dizer iniciativas que não só empoderam a comunidade, mas também garantem que a sociedade em geral esteja informada e sensibilizada, que as pessoas sejam educadas sobre as experiências de vida e realidades das pessoas LGBT em Moçambique. Nesta perspectiva, o trabalho que Lambda tem vindo a fazer no campo da visibilidade positiva visa, essencialmente, mudar o modo de ser, a perspectiva que a sociedade tem, o olhar preconceituoso e estigmatizante que existe sobre a comunidade. Sabemos que existem pessoas LGBT em nossas casas, em nossas famílias, mas nem sempre são aceites ou bem-vindas. Muitas vezes, eles não têm um ambiente propício para desfrutar e explorar sua capacidade total. Para nós, é fundamental promover uma nova forma de olhar para a comunidade, para normalizar comportamentos que a sociedade considera desviantes, por estarem associados à um grupo discriminado. Queremos que as pessoas LGBT estejam cada vez mais inseridas na sociedade, em pé de igualdade, para que também possam usufruir das oportunidades que estão ao alcance de todos os moçambicanos.

Muitas das mudanças progressivas a que assistimos nos

últimos quinze anos, e muitas das mudanças que ainda estão em curso em Moçambique, são o resultado deste trabalho de visibilidade, de uma forma positiva. Porque não basta apenas tornar as pessoas LGBT visíveis na nossa sociedade, mas também temos que fazer com que essa visibilidade seja positiva. Com a visibilidade positiva, podemos transformar o que tem sido uma visão preconceituosa em uma posição positiva, uma janela para as experiências positivas da própria comunidade. Por exemplo, o Boletim *As Cores do Amor* foi o resultado desta necessidade que tínhamos de criar uma narrativa positiva sobre as experiências das pessoas LGBT em Moçambique. Nos últimos quinze anos, os diversos números do boletim cobriram uma variedade de tópicos de interesse da comunidade, incluindo avanços políticos que alcançamos e histórias de vida de pessoas LGBT, nossas esperanças e sonhos.

Como organização, a Lambda investiu muito, e ainda estamos investindo muito, em projectos na área de visibilidade. Quando apresentamos o programa de rádio *Café Púrpura*, ou quando documentamos histórias de vida de pessoas da comunidade, não queremos simplesmente trazer suas experiências à luz. Também, queremos trazer uma perspectiva normalizadora que permitirá à sociedade perceber as pessoas LGBT ou as histórias de vida de pessoas homossexuais da mesma forma que as de pessoas heterossexuais. Aqui em Moçambique, às vezes vemos pessoas que têm sucesso na vida, mas que não se apresentam socialmente como homossexuais: escondem. Diante disso, nos esforçamos para ir atrás dessas histórias, não apenas para divulgá-las, mas para produzir evidências de que as pessoas da comunidade têm a mesma capacidade de contribuir para a sociedade como todas as outras pessoas. Esse é o esforço que temos feito por meio das artes, do desporto, e assim por diante. Se olharmos para essas iniciativas, elas visam essencialmente mostrar que a sociedade em geral pode conviver directamente com as pessoas LGBT, que essa convivência é natural. Essa convivência ajuda a sociedade a perceber que muitas pessoas LGBT não têm vergonha de ser quem são ou de suas histórias de vida.

Esse é um trabalho que já fazemos há algum tempo, pois parte de nossas acções de mobilização da comunidade LGBT vai no sentido de construir um movimento. Como pode ser visto neste livro, organizamos eventos culturais, manifestações artísticas e festas comunitárias.

Nessas festas, podemos ver a alegria e o talento inatos que existe no espírito das pessoas LGBT. Outro exemplo é a performance que organizamos no espaço privilegiado da Fundação Fernando Leite Couto, intitulada *The Power of Colours*. Aquela noite foi um dos maiores momentos para o grupo cultural da Lambda, *The Untouchables*, que é um grupo que bebe no talento artístico da comunidade. Como organização, a Lambda apoia iniciativas como essa com base no entendimento de que devemos investir nas capacidades das pessoas, nos talentos das pessoas. Existem, de facto, muitas pessoas talentosas na comunidade. Mesmo assim, os principais eventos culturais que acontecem na sociedade, em muitos dos casos, não são tão abertos às pessoas LGBT quanto gostaríamos. Assim, entendemos que nosso papel é cultivar esse gosto pelas artes performativas, com envolvimento de pessoas da comunidade. Este livro, também, é sobre como mostrar os talentos das pessoas.

Como trabalhamos em estreita colaboração com a comunidade, acreditamos que mais do que discursos de académicos ou políticos, as manifestações artísticas têm o poder de tocar o coração das pessoas, de chegar às mentes das pessoas. É assim que apresentamos este livro, para iniciar uma conversa mediada pelo trabalho artístico da comunidade. Com essas fotografias e testemunhos pessoais, temos um impacto maior do que com um discurso público ou um relatório de política, que pode não ter o mesmo impacto. Neste livro, podemos ver muitas pessoas da comunidade LGBT a prepararem-se para a sua performance fantástica, que aconteceu no Teatro Avenida, a 31 de agosto de 2019. O espetáculo incluiu dança, teatro e, especificamente, formas de arte LGBT, em particular *voguing e drag*. Foi um esforço para tornar a comunidade visível, visível de forma positiva, com talento. Este livro terá o mesmo propósito. Nada melhor do que iniciativas desse tipo, num lugar onde as pessoas ainda se questionam sobre questões tão básicas como “Gays têm sentimentos? Eles são humanos como nós?” Nada melhor do que uma performance assim, do que um livro como este, para convidar as pessoas a reflectirem, a pensarem na questão LGBT de uma forma diferente.

O espetáculo no Teatro Avenida foi uma obra de grande valor social, um trabalho de amor, fruto de árduos ensaios. Mais do que apenas os componentes artísticos da dança ou as técnicas de atuação e presença de palco, esta iniciativa equipou os jovens LGBT com ideias de auto-

aceitação, autoestima e orgulho de sua orientação sexual e de sua identidade de género. Ao organizar essa performance e colaborar neste livro, tínhamos em mente a necessidade de superar o preconceito e o estigma que ainda prevalecem em uma sociedade que, apenas timidamente, se abre para discutir a homossexualidade e para enfrentar os malefícios que a discriminação contra as minorias sexuais faz. Ao final da noite, os vinte artistas que subiram ao palco brindaram o público que veio ao teatro para vivenciar o espetáculo, para animar os performers e festejar a comunidade. O sabor da noite foi uma autorrealização e liberdade. Mas, como este livro vai mostrar, a performance em si não foi o fim. Esperamos que iniciativas importantes como estas se tornem ocorrências regulares no futuro, não só na cidade de Maputo, mas em todo o Moçambique.

Francelino Zeúte é Coordenador de Comunicação e Documentação na Associação moçambicana para Defesa das Minorias Sexuais – LAMBDA. Ele faz parte da equipa que trabalha na luta contra a discriminação e o estigma, concebendo e monitorando a divulgação de informação correcta sobre questões LGBT e construindo uma plataforma para a criação de uma visibilidade positiva da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros) local. Com experiência na produção de diversos conteúdos de comunicação, incluindo histórias de vida e conteúdos radiofónicos e redes sociais, Francelino é, actualmente, responsável pela concepção, implementação e avaliação de campanhas de comunicação para mudança de comportamento social, por redigir os artigos veiculados nas plataformas online e impressa da organização, não só para informar e educar, mas também para construir uma base de autoexpressão local da Comunidade LGBT e criar um registo nacional dos aspectos da vida queer em Moçambique. Desde 2018, Francelino Zeúte é, também, estudante do curso de Licenciatura em Comunicação e Relações Empresariais pelo Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique – ISCIM.

15 Years of Positive Visibility

Francelino Zeúte

Since the creation of Lambda in 2006, we as an organisation have felt the need to develop initiatives targeting both the inside and outside of the LGBT community. This means initiatives that not only empower the community, but also make sure that society in general is informed and sensitized, that people are educated about the life experiences and realities of LGBT people in Mozambique. From this perspective, the work that Lambda has been doing towards positive visibility is essentially aimed at changing the way of being, the perspective society has, the prejudiced, stigmatizing gaze that exists towards the community. We know that LGBT people exist in our homes, in our families, but they are not always accepted or welcomed. Very often, they do not have a conducive environment to enjoy and explore life to its full capacity. For us, it is essential to promote a new way of looking at the community, to normalize behaviours that society considers to be deviant, because they are associated with a group that is discriminated against. We want LGBT people to be increasingly better

placed in society, on an equal footing, so that they, too, can enjoy the opportunities available to other Mozambicans.

Many of the progressive changes we have witnessed over the last fifteen years, and many of the changes that are still ongoing in Mozambique, are the result of this work. But it is not enough just to make LGBT people visible in our society, we must also make sure this visibility is positive. With positive visibility we can transform prejudiced perspectives, providing an affirming window into the community itself. The bulletin *Colours of Love* was the result of this need. We had to create an encouraging narrative around the experiences of LGBT people in Mozambique. Over the last fifteen years, the many issues of the bulletin have covered a variety of topics of interest to the community, including political advances we have achieved and the life stories of LGBT people, our hopes and dreams.

As an organisation, Lambda has invested a lot, and we are still investing a lot, in projects in the area of visibility. When we host the radio show *Café Púrpura*, or when we document the lives of people of the community, we do not want simply to bring their experiences to light. We also want to bring about a normalizing perspective that will encourage society to perceive LGBT people as just the same as heterosexual people. Here in Mozambique, sometimes we see people who succeed in life but who don't wish to present themselves socially as homosexuals: they hide this fact about themselves. In light of this, we make an effort to find LGBT people willing to tell their stories of success, not just to publicize them, but to produce evidence that people of the community have the same capacity to contribute to society, like anyone else. These are the efforts we have been making in the arts, through sport, and so on. If we look at these initiatives, they essentially aim to show that society at large can live alongside LGBT people, that this coexistence is natural. They also help society realize that many LGBT people are not ashamed of being who they are.

This is work we have been doing for some time, and part of our intention in mobilizing the LGBT community is to build a movement. As this book demonstrates, we

have organized cultural events, artistic manifestations and community parties. At our parties, we see the innate joy and talent that exists in the spirit of LGBT people. The performance we organized in the very privileged space of Fundação Fernando Leite Couto, titled “The Power of Colours”, was one of the biggest moments for Lambda’s cultural group The Untouchables, which draws from the artistic talent of the community. As an organisation, Lambda supports initiatives like this based on the understanding that we must invest in people’s capacities, in people’s talents. There are, indeed, many talented people in the community. But the mainstream cultural events that happen out there in society in many cases are still not as open to LGBT people as we would want. Thus we understand that our role is to cultivate this taste for the performative arts, with the involvement of people from the community. This book is also about showcasing people’s talents.

As we work closely with the community, we believe that more than academic or political discourse, artistic manifestations hold the power to touch people’s hearts, to reach out to people’s minds. It is in this spirit that we present this book, to initiate a conversation mediated by the artistic work of the community. With these photographs and personal testimonies we hope to create a greater impact than with a public speech or a policy report, which may not hold the same power. In this book, we see people from the LGBT community preparing for their groundbreaking performance at Teatro Avenida, on 31 August 2019, a spectacle that included dance, theatre, and LGBT art forms such as voguing and drag. This performance was an attempt to make the community visible, but to make it visible positively, with talent. This book will serve the same purpose. In a place where people still ask questions such as “do gay people have feelings?”, “are they humans like us?”, there is nothing better than a performance like that, than a book like this, to invite people to reflect, to think about LGBT matters differently.

The spectacle at Teatro Avenida was a work of great social value, a labour of love, and the result of arduous rehearsals. More than just the artistic components of

dance or the techniques of acting and stage presence, this initiative equipped young LGBT people with ideas of self-acceptance, self-esteem and pride in their sexual orientation and their gender identities. In organizing that performance and collaborating in this book, we were bearing in mind the need to overcome the prejudice and stigma that are still prevalent in a society that is only timidly opening up to discussions around homosexuality, and to address the harm that discrimination against sexual minorities does. At the end of the night, the twenty artists that had taken the stage toasted the audience who had come to the theatre to experience the show, to cheer the performers and celebrate the community. The flavour of the night was one of self-realisation and freedom. But as this book goes to show, the performance itself was not the end. We hope momentous initiatives such as these become regular occurrences in the future, not only in the city of Maputo, but throughout Mozambique.

Francelino Zeúte is Communication and Documentation Coordinator at the Mozambican Association for the Defence of Sexual Minorities – Lambda. He is part of a team working in the fight against discrimination and stigma, conceiving and monitoring the dissemination of information on LGBT issues and building a platform for the positive visibility of the local LGBT community (Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender). Francelino has experience in the production of various content, including life stories and radio content and social networks. He is currently also responsible for the design, implementation and evaluation of communication campaigns to change social behaviour, and for writing articles for Lambda’s online and printed platforms, not only to inform and educate, but also to build a base of self-expression for the LGBT community, thus creating a national register of aspects of queer life in Mozambique. Since 2018, Francelino has also been studying towards a Degree in Communication and Business Relations at the Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique – ISCIM.

Emoções e Activismo: Criando Laços Sociais Contra o Medo e o Estigma

Nelson Mugabe

rede de vizinhança para serem conhecidos/as e para andarem juntas/os. Outras pessoas na comunidade, principalmente as pessoas LGBT mais velhas, optam pela “discrição” e pela manutenção do “segredo” no que diz respeito a sua sexualidade e intimidade. A “discrição” e o “segredo” com os quais alguns LGBT maputenses vivem a suas vidas, funciona nesse contexto como uma forma de preservação das relações seja familiares, sociais e laborais. Outras pessoas ainda, como é o caso de algumas mulheres trans, por “medo” de situações de preconceito social, podem evitar sair de dia para os espaços públicos, onde atitudes hostis podem ocorrer. Porém, muitas acabam por enfrentar o “medo” e ganhar “coragem”, atribuindo outro significado às experiências de “ofensa” e de “desprezo” e afirmando, por exemplo, que se um homem debocha dela, é porque o mesmo a deseja. De maneira similar, quando uma mulher lhe agride verbalmente é porque tal mulher, dela teria “inveja”.

Os leitores deste livro perceberão que no processo de socialização, na infância e principalmente na adolescência algumas pessoas LGBT de Maputo sentem “tristeza” e “frustração”, mas sem ter muita consciência dos motivos desses sentimentos, ou seja, sem ter um vocabulário para nomear o que sentiam. De facto, o vocabulário a seu alcance para nomear seus desejos e práticas estava associado a xingamentos. Termos como “maria-rapaz”, “marica”, “sapatona” e “bicha” eram usados pelas pessoas à sua volta, e aludiam mais à transgressão de convenções do género que à sexualidade. A maioria das pessoas LGBT, porém, não se identificava com esses termos, por entender ser pejorativos e estigmatizantes. Para muitas pessoas LGBT, o acesso ao vocabulário LGBT contemporâneo se deu ao longo do tempo, de acordo com os meios de comunicação que as pessoas LGBT tiveram disponíveis, tais como chats em programas de TV, pesquisando na internet, ou através da rotulação pela sociedade.

Um momento marcante para muitos foi quando, a convite de amigos e conhecidos, se tornaram membro do grupo organizado de defesa dos seus direitos, a LAMBDA. Uma das actividades da LAMBDA é

disponibilizar informações sobre questões LGBT. Para isso, a LAMBDA criou manuais, folhetos, programas de rádio e TV, para capacitar os activistas e seus membros, a mídia e a sociedade no geral a aprender sobre as vivências das pessoas da comunidade. Igualmente, tais iniciativas também buscavam divulgar os termos e os conceitos adequados para identificar e tratar pessoas LGBT.

O contacto com o mundo da mobilização, da sociabilização e do activismo é importante porque, como ficará claro aos leitores, muitos dos sujeitos LGBT de Maputo, antes de conhecerem outras pessoas com experiências parecidas, sentiam “aflição”, sofriam devido à falta de compreensão de si e se viam constrangidos em suas liberdades pessoais pelos limites do “armário”. No entanto, quando descobriram que existiam outras pessoas como elas, seja na escola e na vizinhança, seja através das redes sociais ou quando entraram em contacto com a LAMBDA, sentiram “alívio”, começaram a desprender-se do “medo” e da “vergonha”, e ganharam “coragem” para a ser o que são. É sabido que uma situação que demanda “coragem” para ser enfrentada é, de facto, uma situação que provoca “medo”. Mas, ao mesmo tempo, as redes de relações baseadas na sociabilidade e nas relações de amizade entre pessoas LGBT mobilizaram uma nova gama de emoções, tais como o “conforto”, o “orgulho”, a “autoestima”, o senso de pertencimento, ou ainda a compreensão de si. Com estas formas de apoio emocional, os sujeitos LGBT conseguem neutralizar o impacto causado pelo estigma, sobretudo o “medo”, a “vergonha”, e a “tristeza” resultantes das dificuldades de compreensão de si.

Assim, as pessoas LGBT que ingressaram em um espaço de activismo – a convite de outras pessoas LGBT conhecidas ou amigas e/ou deliberadamente – retratam a convivência na LAMBDA como uma experiência que motivou a “sair do armário”, a revelarem sua orientação sexual e a se juntarem ao activismo LGBT. Como perceberão os leitores, as pessoas LGBT também encontram nas artes performativas um vector poderoso de identidade sexual, mas também um acto político, no sentido de que a dança e a performance passam a ser um meio de conscien-

cialização positiva sobre as identidades LGBT. Ademais, as famosas festas LGBT, alcunhadas de *Man@’s Party* e normalmente organizadas pela LAMBDA, são importantes contextos de sociabilidade onde as pessoas da comunidade podem expressar o que são: são os espaços onde se sentem mais “felizes” e mais à vontade, sobretudo se comparado com outros ambientes sociais.

Como se vê neste trabalho, as sociabilidades LGBT, e principalmente as relações de amizade entre essas pessoas, têm um papel importante na construção do senso de identidade colectiva, oferecendo condições para que se reforce ou se transforme essa identidade. Nos vários testemunhos aqui recolhidos, vemos que os/as amigos/as são sempre importantes figuras para a construção do “eu” individual e colectivo, sobretudo para aqueles em fase de descobrimento e de aceitação da sua identidade sexual e de género. Eu ressalto a contribuição desse livro, no sentido de registar histórias de vidas das pessoas LGBT em Maputo e, também, por ajudar na consolidação da pesquisa na área das homossexualidades e das transvestilidades em Moçambique e na África em geral.

Agora ele está em suas mãos! Boa leitura!

Nelson André Mugabe é docente, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais, Universidade Rovuma (UNIROVUMA). É graduado em Antropologia (UEM), Doutorado e Mestrado em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ). Possui interesse de pesquisa em estudos de corpo, género, sexualidades e transexualidades em contextos africanos, antropologia do humor e do riso, antropologia das emoções e movimentos sociais. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-3357-5452>. Email: nelsonmugabe89@gmail.com

Emotions and Activism: Creating Social Ties Against Fear and Stigma

Nelson Mugabe

with. Others in the community, especially elder LGBT people, opt for a life of “discretion”, keeping their sexuality and intimacies hidden. The secrecy with which some LGBT people in Maputo live their lives works in this context as a way of preserving relationships, whether in the family, society or the workplace. Other people still, fearing situations of social prejudice, as in the case of some transgender women, may avoid going out into public spaces during the day, where such hostile attitudes may prevail. Many are compelled to face this fear, and gain courage by re-signifying experiences of insult and disdain. For example, if a man mocks them they may say he is doing so because he desires them. Similarly, if a woman verbally attacks them, it is because she is jealous of them.

The readers of this book will notice that in the process of socialisation, during childhood and especially in adolescence, LGBT people from Maputo may feel “sad” or “frustrated”, without being completely aware of the reasons for such feelings. They may not have the vocabulary to name what they feel. In fact, the vocabulary within their reach to name their desires and practices is often associated with derogatory name-calling. Terms such as “maria-razap”, “marica”, “sapatona” and “bicha” are used by people around them, and allude more to a sense of transgressing gender conventions than to sexuality per se. Most LGBT people do not identify with these terms, understanding them to be pejorative and stigmatizing. For many young people, access to a contemporary LGBT vocabulary takes place over time, according to the means of communication they have available to them, such as chat groups on TV or the internet, or yet through the labels society bestows on them.

An important moment for many of the participants in this book was when, at the invitation of friends or acquaintances, or of their own volition, they became members of the LGBT rights group Lambda. One of Lambda’s main activities is to make information on LGBT issues available to all. In pursuit of these aims, Lambda has produced manuals, brochures, radio

programmes, and has participated in TV programmes. These various initiatives are intended to inform their activists and members, as well as the media and society in general, about the experiences of people from the LGBT community. The initiatives also communicate the appropriate terms and concepts to identify and refer to LGBT people.

This socialisation and contact with the world of mobilisation and activism is important, as will become clear to readers of this book, because before meeting people who had been through similar experiences, many LGBT people in Maputo said they felt distressed, that they suffered due to a lack of understanding of themselves, and were constrained in their personal freedoms by the limits of the “closet”. When they discovered that there were other people like them, either at school or in their neighbourhoods, through social networks, or when they got in contact with Lambda, they felt a sense of relief, they started to let go of their fears and their shame, and gained the courage to be who they are. We know that a situation that requires courage to be faced is, in fact, a situation that also provokes fear. But at the same time, networks based on interaction and friendship between LGBT people allow a new range of emotions to emerge, such as comfort, pride, self-esteem, a sense of belonging, an understanding of oneself. With these forms of emotional support, LGBT people are able to begin to neutralize the impacts of stigma, especially the fear, the shame and the sadness that results from the difficulty of understanding themselves.

The LGBT people who enter this space of activism speak of the social experience of Lambda as one that motivates them to “come out of the closet”, to open up about their sexual orientation and to join LGBT rights campaigns. Similarly, readers will notice that LGBT people also find the performing arts to be a powerful vector for the expression of sexual identity. Dance and performance are political acts, in the sense that they become a means to formulate a positive conception of LGBT identities. In addition, the popular LGBT

gatherings known as Man@’s Party, usually organized by Lambda, are important collective contexts where people in the community can express who they are: these are the spaces where they feel happier and most at ease.

As this book illustrates, LGBT social spaces, and the friendly relationships they enable to be established between LGBT people, play an important role in building a sense of collective identity, and providing the conditions for the consolidation or transformation of that identity. In the various testimonies collected here, we see that friends are important figures in the construction of the individual and collective self, especially for those who are in the process of discovering and accepting their sexual and gender identity.

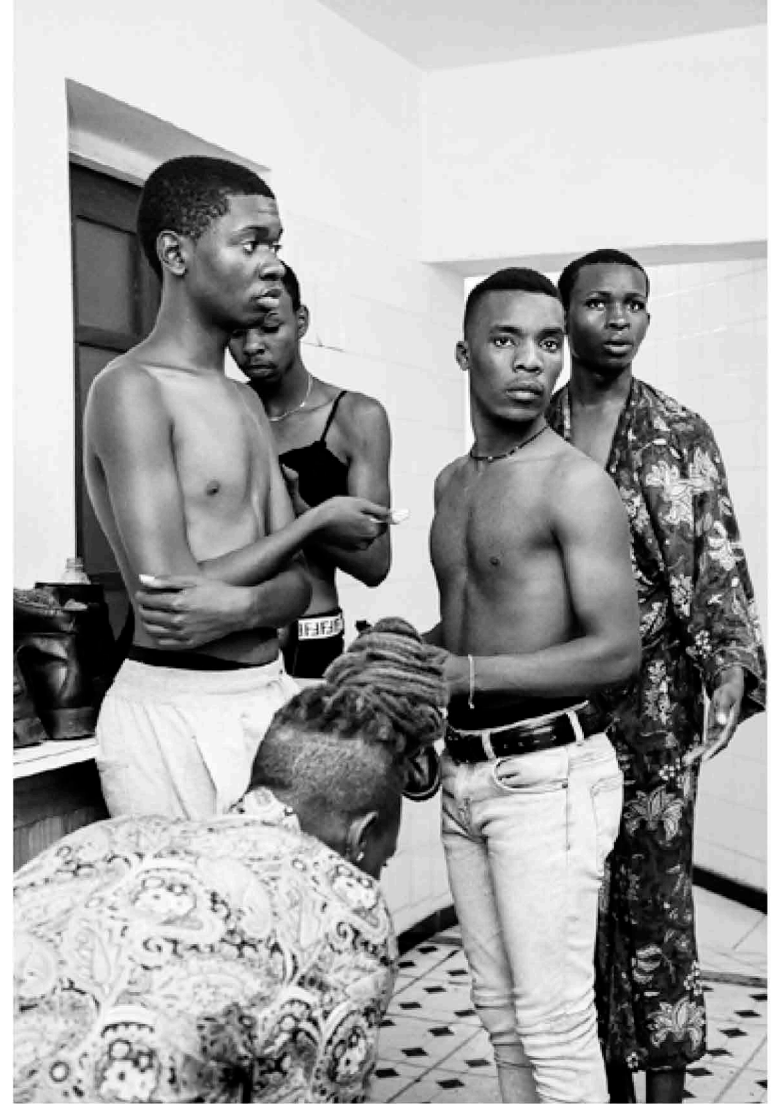
I conclude by emphasizing the contribution this book makes to the documentation of the life stories of LGBT people in Maputo, as well as the push it gives to the consolidation of a research agenda in the area of homosexuality and transgender studies in Mozambique and Africa in general. Now it’s in your hands. Good reading!

Nelson André Mugabe is a Professor in the Department of Social Sciences at the University of Rovuma (UniRovuma) in Mozambique. He has a degree in Anthropology (UEM), a Doctorate and a Master's Degree in Social Sciences (PPCIS/ UERJ). His research interests include studies of body, gender, sexualities and transsexualities in African contexts, the anthropology of humour and laughter, and the anthropology of emotions and social movements.
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-3357-5452>.
Email: nelsonmugabe89@gmail.com

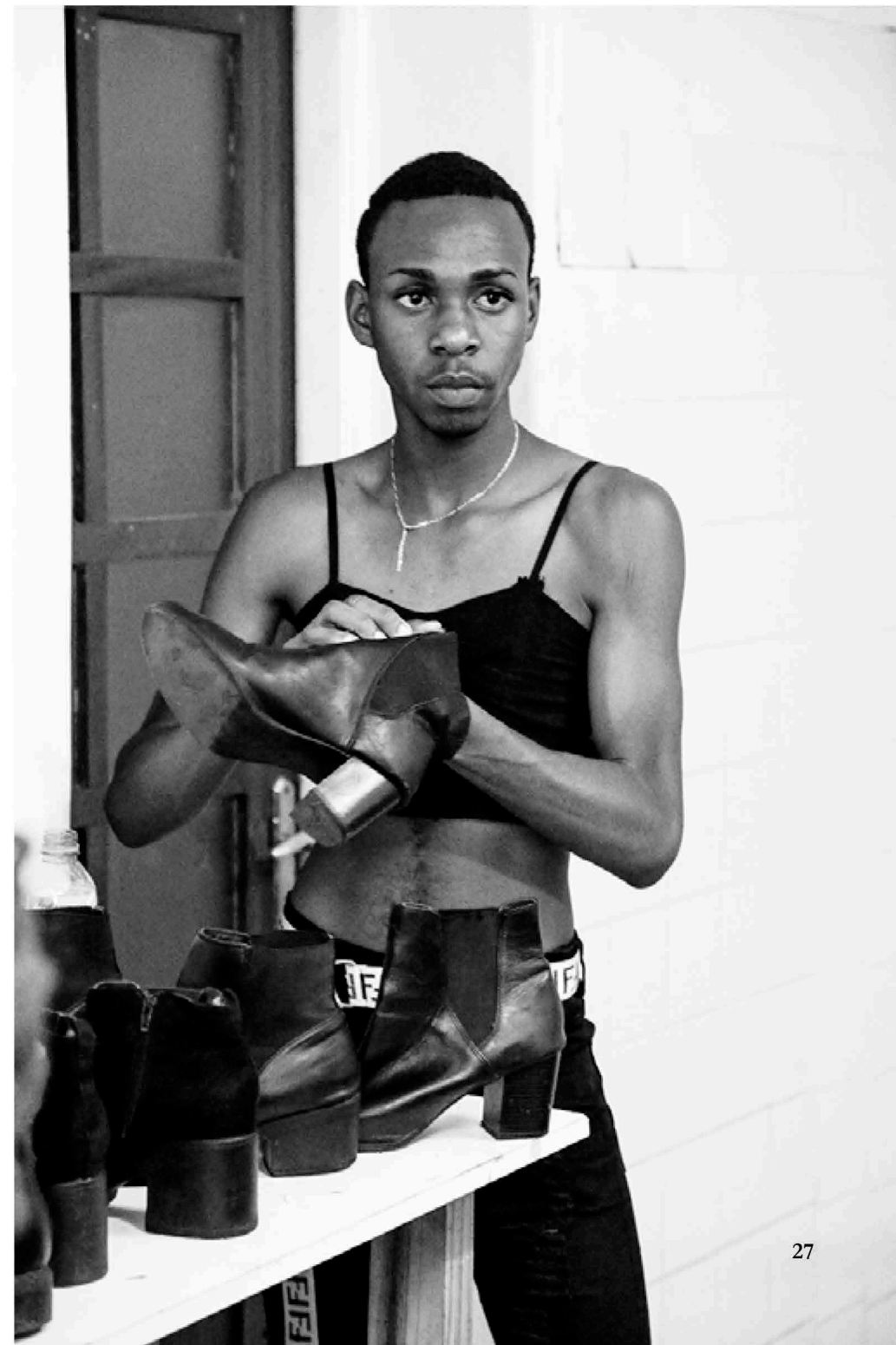
Parte I
Part I

‘Onde Eu Me Encontrei’
‘Where I Found Myself’

























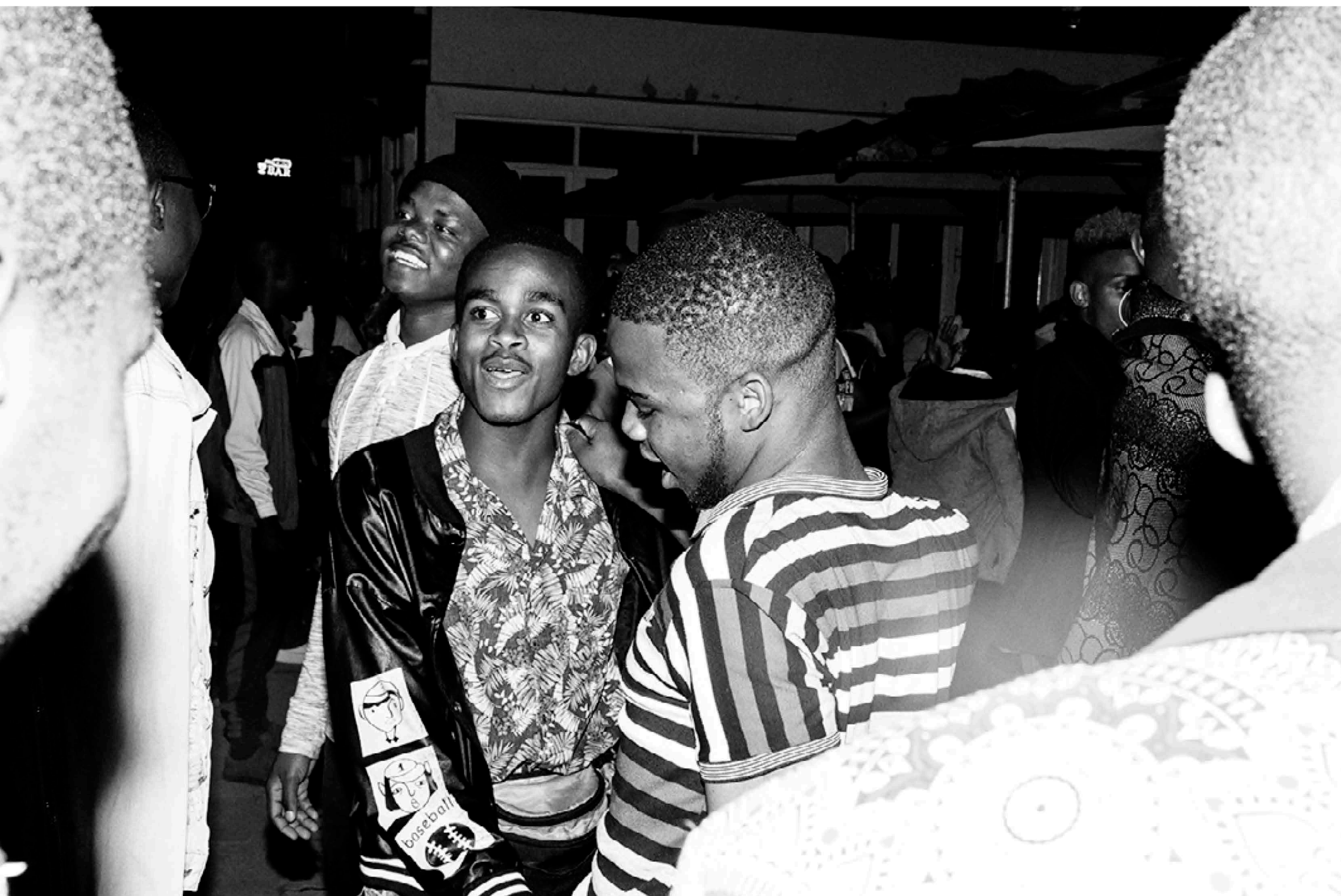


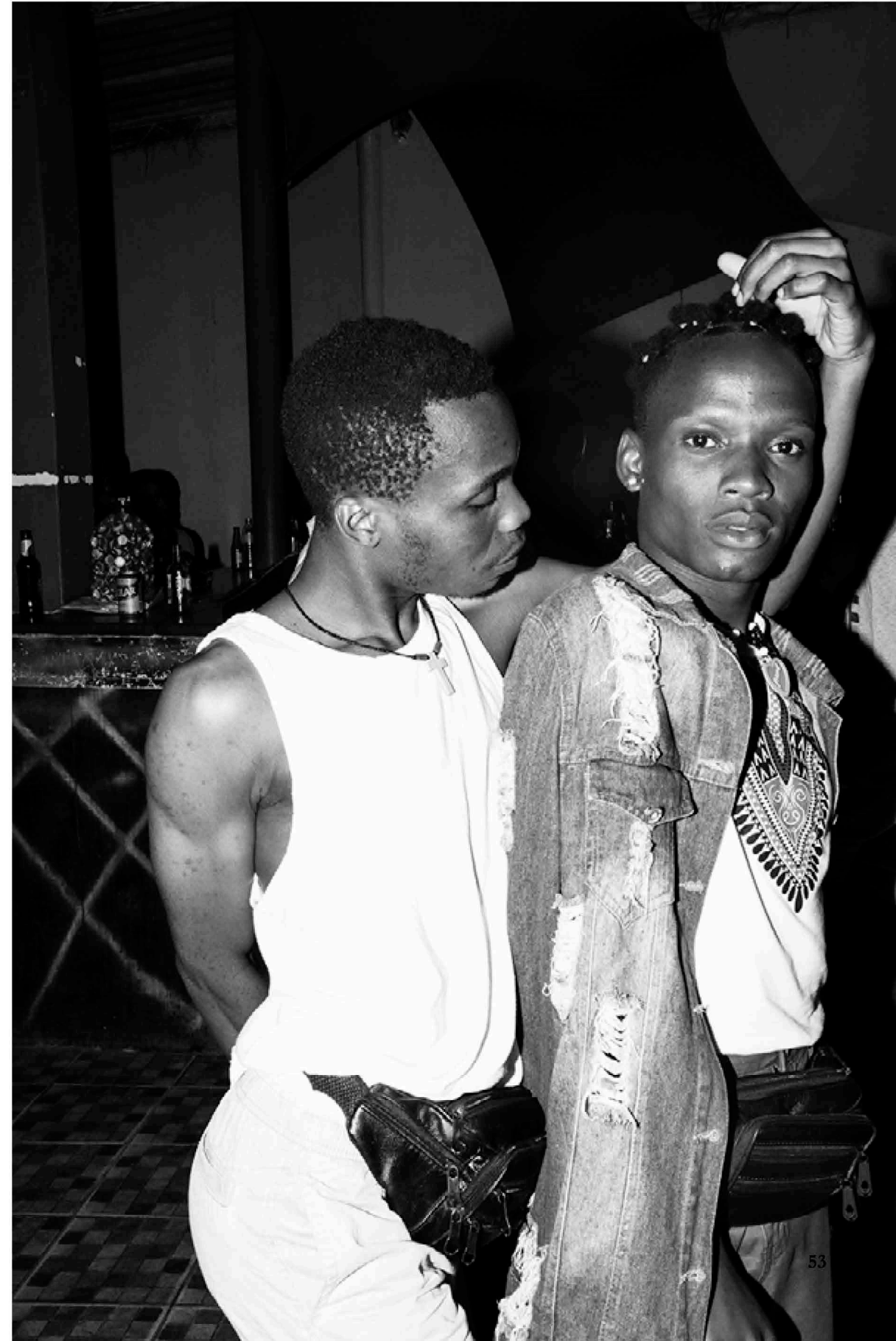




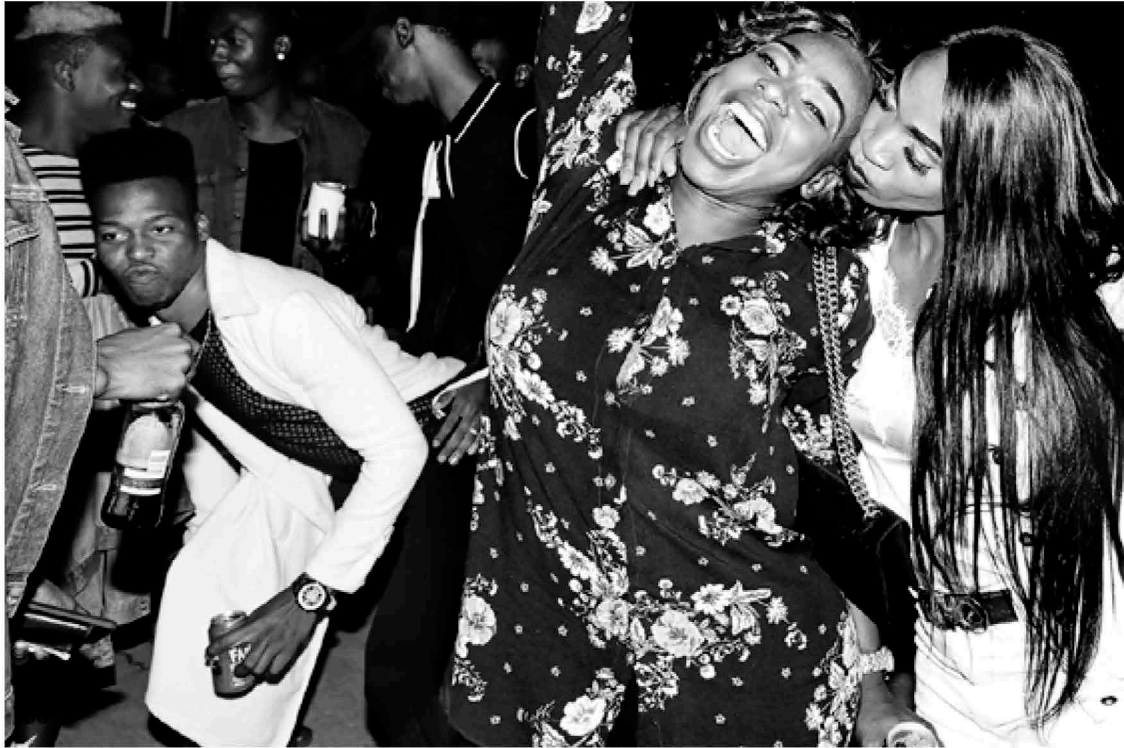
Parte II
Part II

‘Achados e Perdidos ‘Lost and Found’

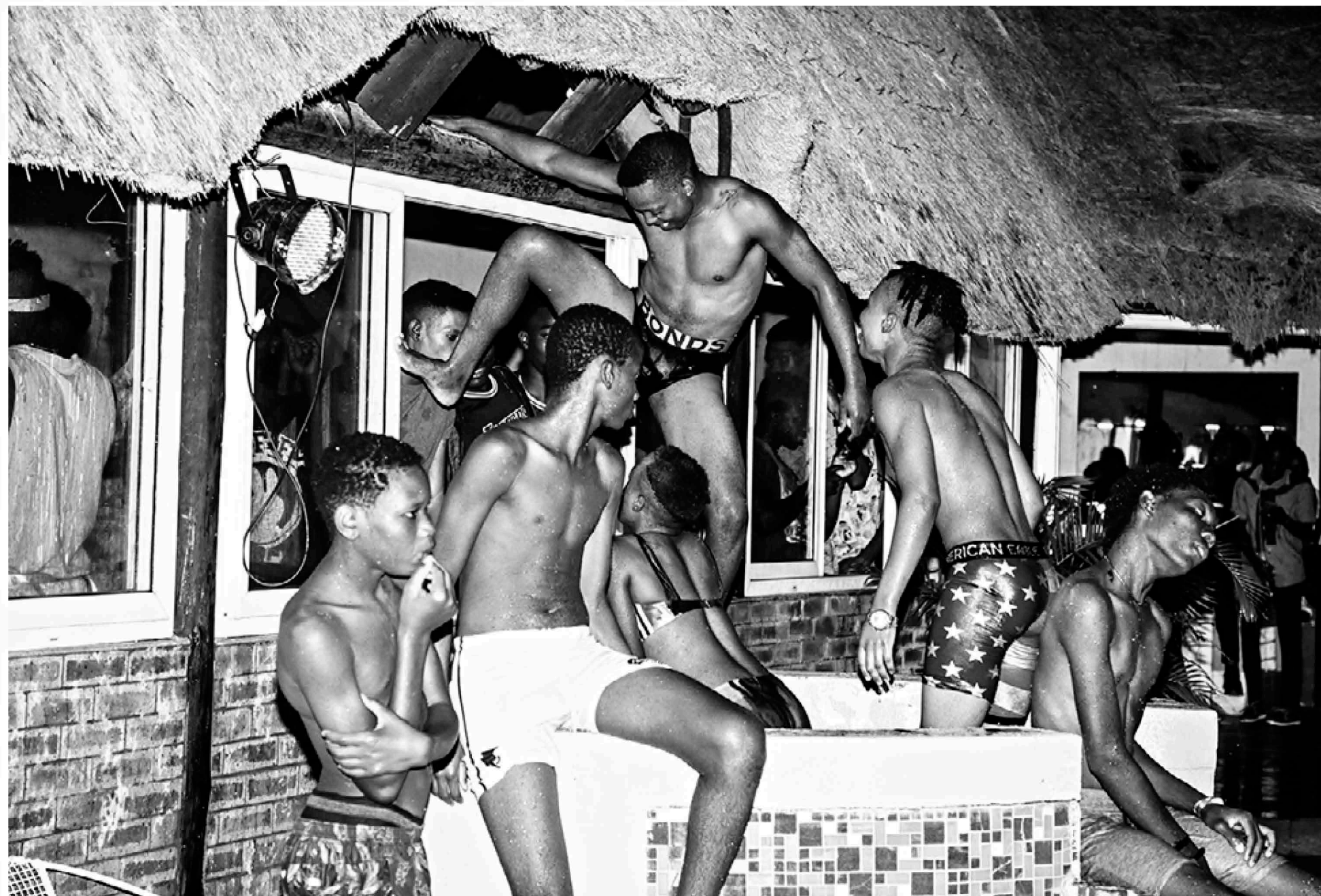
















Parte III

Part III

‘Meu Espelho’

‘My Mirror’

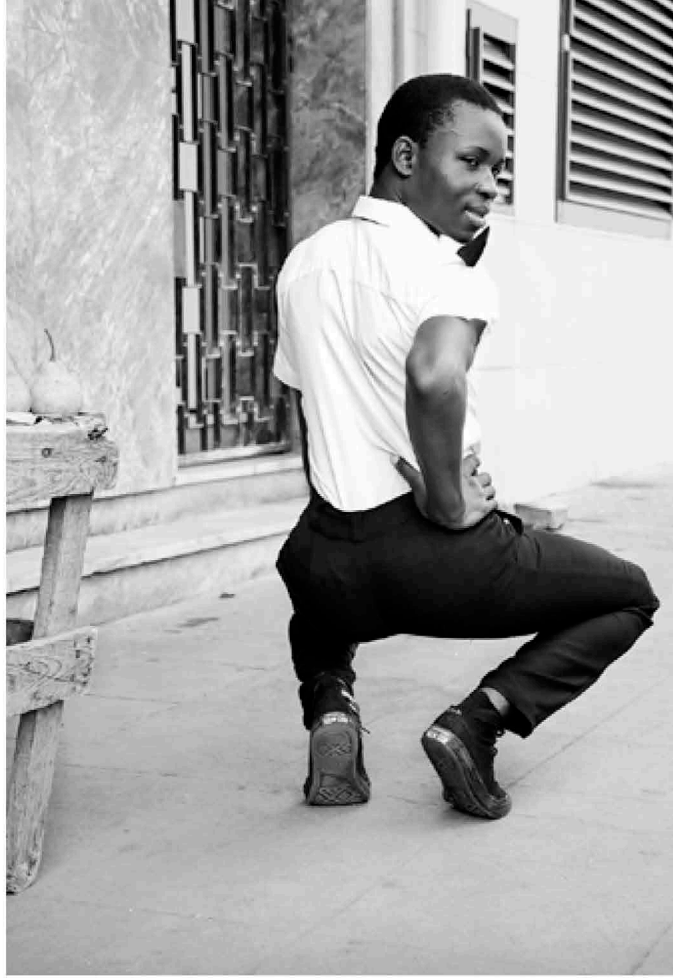
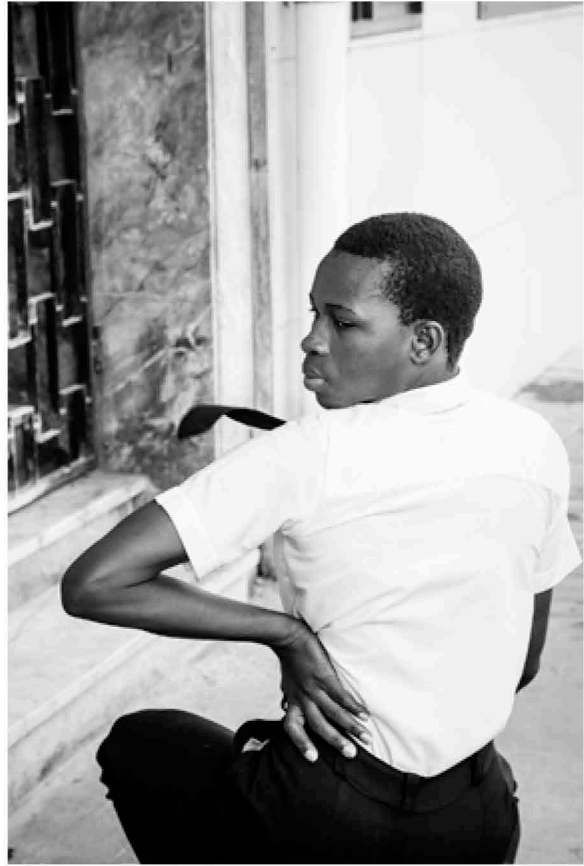


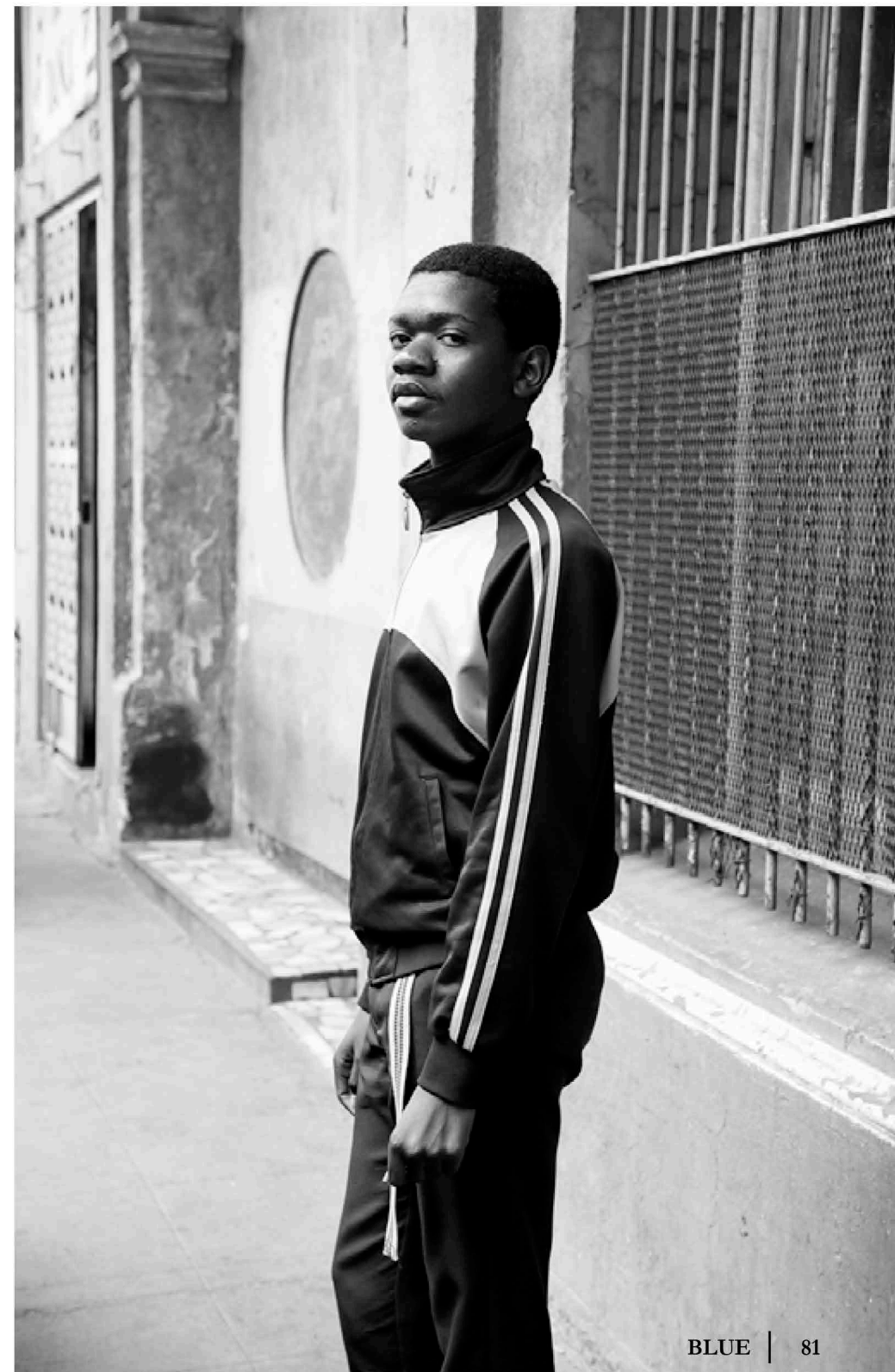


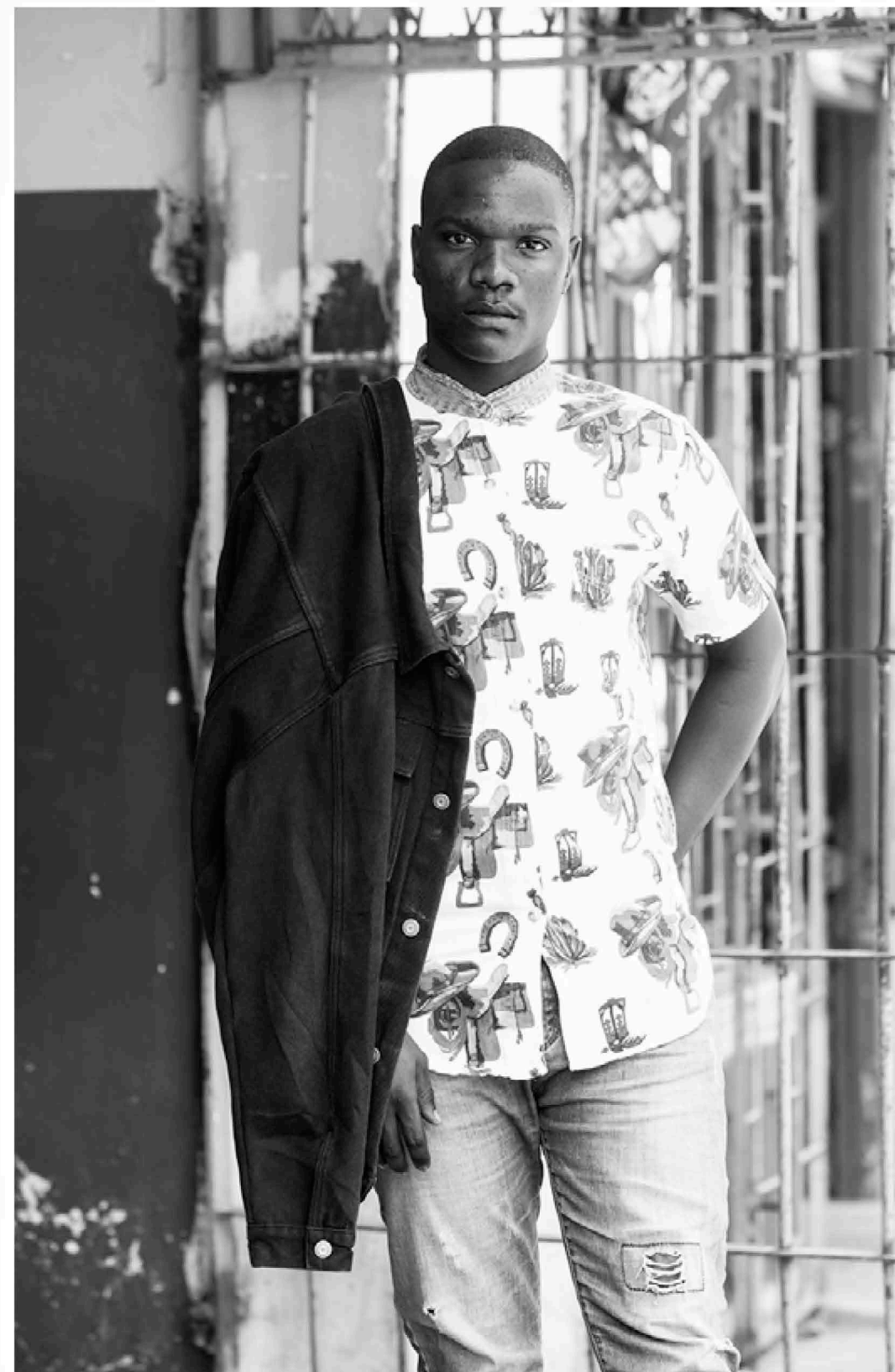




















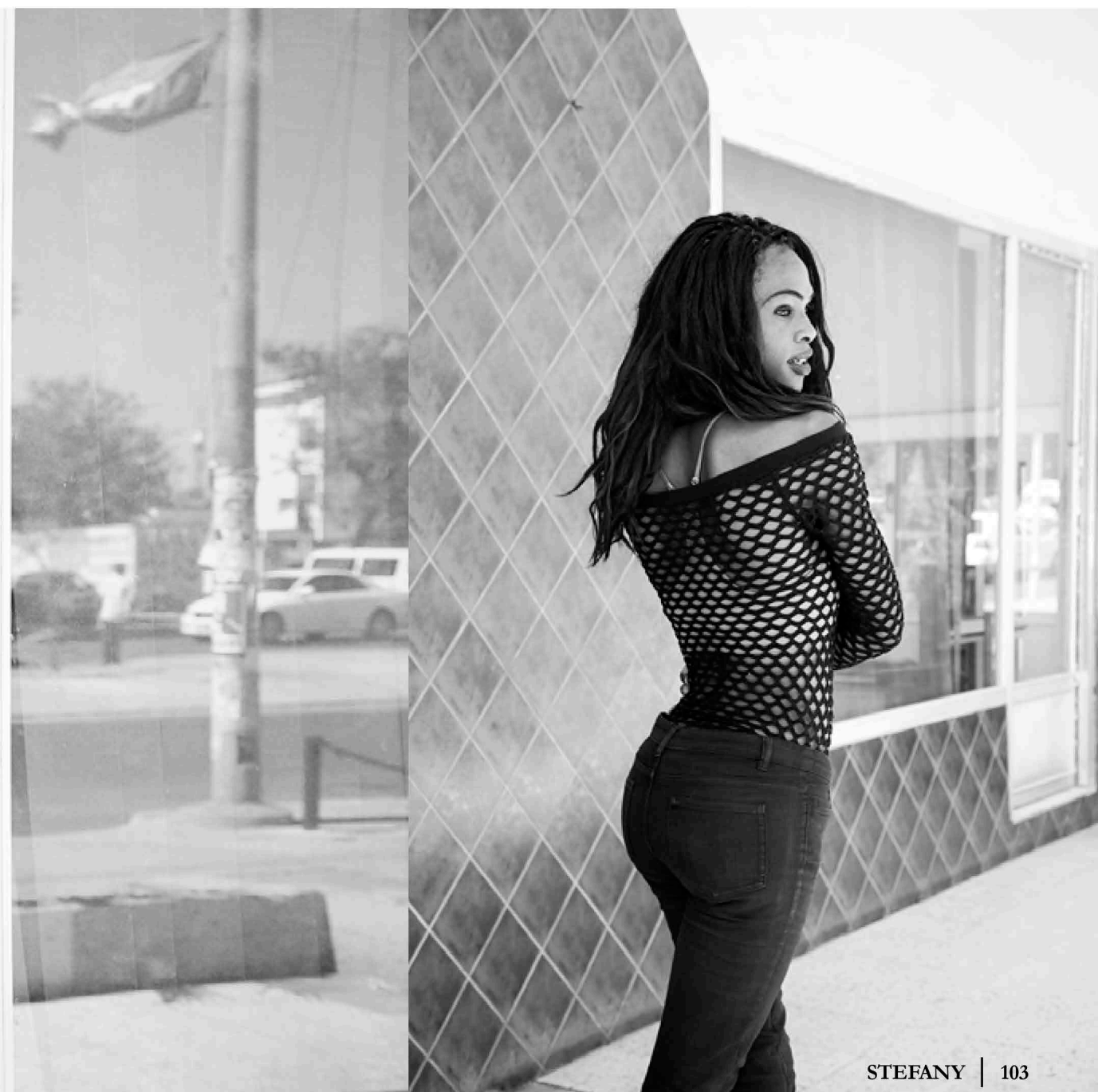












Blue: Gostei desta (Risos). Olha, nos bastidores (Risos). Interessante.

Luan: Já estávamos ansiosos para vermos as fotos.

Blue: É, estávamos mesmo (Risos).

Luan: Kaká... Liloca.

Blue: Olha eu (risos).

Luan: Ai, saíste.

Blue: Meu Deus, me acertaram, me atingiram! Tia P (risos). Nossa, gostei desta (risos).

Luan: Aqui foi quando queríamos apresentar aquela performance...

Blue: Das borboletas.

Luan: Joina, como sempre.

Blue: Já sabes. Brunna, Minaj. Maria Gugu arrasou nessa foto.

Luan: Está mais natural.

Blue: Gostei do toque de preto e branco. Essa mana, quem é essa aqui?

Luan: As fotos estão a acabar e eu sem nenhuma (Risos).

Blue: Pelo menos eu me encontrei. Jenni Jenni. Está aqui a famosa Luan.

Luan: Ai, meu Deus!

Blue: Está aqui a famosa Luan de novo.

Luan: Eu gosto.

Blue: Nossa...

Luan: Acho que é naquele tempo em que estavas a entregar o sapato para ele.

Luan: Eu gosto desta.

Blue: *I liked this (Laughs). Look at us backstage (Laughs). Interesting.*

Luan: *We were already anxious, wanting to see the pictures.*

Blue: *That's right, we were (Laughs).*

Luan: Kaká... Liloca.

Blue: *Look at me (Laughs).*

Luan: *Yah, there you are.*

Blue: *My God, they caught me, they hit me! Tia P (Laughs). Oh my, I like this one (Laughs).*

Luan: *Here, it was when we wanted to do that performance...*

Blue: *Of the butterflies.*

Luan: *Joina, as always.*

Blue: *You know it. Brunna, Minaj, Maria Gugu killed it in this picture.*

Luan: *This one is more natural.*

Blue: *I liked the black and white touch. This sis here, who is she?*

Luan: *Oh, the photos are in the room, here (Laughs).*

Blue: *At least I found mine. Jenni, Jenni. It's here, the famous Luan.*

Luan: *Oh, my God!*

Blue: *Here, the famous Luan again.*

Luan: *I like it.*

Blue: *Oh my...*

Luan: *I think this was the time when you were delivering him the shoes.*

Luan: *I like this one.*

A dança para mim é algo que nem sei explicar. Quando estou no palco, sinto uma paz. Estás a ver! É como quando estás num sítio tão silencioso que comesas a libertar algo inexplicável. Quando eu estou no palco é o que eu sinto. Quando executo os movimentos, me inspiro e começo a mandar mensagens, depende se as pessoas vão entender, claro! Porque a dança tem um segredo. Quando tu danças, cada coreografia tem uma mensagem. Então depende do público, se eles vão ver, se vão conseguir ler a mensagem que se está a passar para eles. Quando eu estou no palco, sinto uma paz, uma alegria, algo que nem sei explicar: A dança é onde eu me encontrei, é algo que eu gosto. E fazer algo por gostar e por amor, sai muito bem.

For me, dancing is something I can't even explain. When I'm on stage, I feel peace. You see, it's like when you are in a place so quiet that it starts to let out something inexplicable. When I'm on stage, that's what I feel. When I perform the movements, that's when I get inspired, I start sending messages, if people understand, of course. Because dancing has a secret. When you dance, each choreography sends a message. So, it depends on the audience, if they will see it, if they will be able to read the message that is being passed on to them. When I'm on stage I feel peace, joy, something that I can't even explain. Dancing is something where I found myself, it's something that I like. And when you do something you like, you love, it comes out very well.

...

A dança ajudou muito, porque é graças a minha dança, graças ao meu talento, foi algo que me revelou. Me revelei a mim mesma para sociedade em geral, que eu sou isto. Porque foi na dança que eu tive coragem de mostrar para sociedade que eu sou uma transexual. As pessoas pensavam que era mais um número meu, inventado. Então sentei e, de facto, falei que eu sou isto. Tive que falar assim, porque as pessoas perguntavam: “que número era aquele?”. E eu dizia que não, aquela pessoa que viam no palco não era um personagem, era a minha identidade. Foi na dança que eu me encontrei, para me libertar e me assumir.

Dancing helped a lot, because it is thanks to my dancing, to my talent, that was something that revealed myself. I revealed myself to myself, and to society at large, showing that I am this. Because it was through dancing that I had the courage to show society that I am trans. People used to think that it was a number, that I made it up. So I had to sit down and indeed I said that I am this, I had to say it like this, because people would ask me: “What number was that?” And I said no, that person you saw on stage is not a character, it is my identity. It was in dancing that I found myself, that I could free myself, and accept myself.



DRICA

No evento do Teatro Avenida, eu estava lá a ajudar as meninas a se arrumarem. Foi uma experiência muito boa, um dia super alegre. As meninas estavam a fazer muito barulho, e eu pedia sempre para ficarem calmas. Havia muitos risos, barulho mesmo, mas foi muito bom. Todo mundo estava alegre, estava feliz.

At the event at Teatro Avenida, I was there helping the girls getting dressed. It was a very good experience, a very happy day. The girls were making a lot of noise, and I was always asking them to stay calm. There was a lot of laughter; noise, but it was very good. Everyone was joyful, they were happy.

ABIRAGE



**BLUE
(left)**

Posso dizer que em todos os sítios em que eu já me apresentei, tem sempre uma diferença. No teatro Avenida foi diferente porque lá estávamos em comunidade, posso dizer assim. Éramos todos membros da comunidade LGBT. Ali tinha drags, gays, tinha as trans e tinha as lésbicas, também. Era uma coisa de família, posso dizer. Tinha, também, simpatizantes.

I can say that in all places where I've performed, there's always been a difference. At Teatro Avenida it was different because we were there as a community, let's put it like that. We were all members of the LGBT community. There were drag queens, gays, there were trans, and lesbians too. It was a family affair, I can say. There were also sympathizers.

...

Quando eu danço, eu penso na Beyoncé (Risos). Eu penso nela porque um dia gostaria de ser que nem ela, não posso mentir. Identifico-me com ela. Sou fã e me espelho nela, na verdade. Então, quando estou no palco, sinto a Beyoncé ao meu lado, a dançar comigo (Risos).

When I'm dancing, I think about Beyoncé (Laughs). I think about her because one day I'd like to be like her; I can't lie. I identify with her. I'm a fan and I mirror myself on her; really. So, when I'm on stage, I feel Beyoncé by my side, dancing with me (Laughs).

...

**LIPE
(right)**

Para mim aquele dia foi um momento bom, foi um momento divertido e foi momento único, né! Porque nada é melhor do que estar com pessoas que tu gostas, porque aqui nestas fotos, independentemente do dia em que acontecia, nós estávamos todos inspirados. Nós queríamos mostrar o nosso lado ao público, nós queríamos mostrar quem somos e de alguma forma queríamos agradar as pessoas. Queríamos mostrar às pessoas que nós somos úteis para alguma coisa. Então, foi um dia emocionante também.

For me that day was a good moment, a fun moment, and a unique moment, right? Because there's nothing better than being with the people that you like, because here in these pictures, regardless of the day it happened, we were all inspired. We wanted to show this side of ours to the public, we wanted to show who we are, and, somehow, we wanted to please people. We wanted to show people that we are useful for something. So it was an exciting day, too.



SHELLY

As pessoas pensam que os homossexuais são intocáveis. Elas pensam não podem nos tocar ou andar connosco. Enquanto que nós somos o quê? Isto não tem nada a ver. Então veio o nome de Untouchable, os intocáveis, como as pessoas dizem nós somos os intocáveis. Mas nós não escolhemos o nome para mostrar que nós somos intocáveis, mas para mostrar que nós somos tocáveis.

People think that homosexuals are untouchable. They think that they cannot touch us or hang out with us. Meanwhile, what we are? This is just nonsense. So the name Untouchable came up, because people say we are untouchables. But we have not chosen the name to show that we are untouchable, but to show that we are touchable.

Desde que comecei a dançar, eu fui um espelho dentro da minha casa, em toda a minha família. Em todo o canto e em todos os lados, falavam de mim. Sempre que os meus pais passavam por uma rua, os amigos, os meus admiradores, falavam sempre de mim. Eu aparecia em televisões e lá fazia maravilhas. Então acho que a dança me ajudou muito porque fiquei, like, um espelho na minha família, tipo um tesouro que não se pode mexer, um vaso sensível. Eu usei isso para poder moldar a eles, para fazer eles entenderem um bocadinho. Mas eu sempre fui menina e sempre deixei bem claro esse meu lado afeminado. Eu queria tudo o que a minha irmã mais velha comprava. Se ela comprasse uma saia para ela, tinha que comprar uma para mim, também. Caso não, havia um escândalo em casa.

Since I started dancing, I became a reference in my home, within my entire family. At every corner, people talked about me. Every time my parents walked down the street, our friends, my admirers, always spoke of me. I also appeared on TV, and there I did wonders. So, I think dancing helped me a lot, because I became, like, a mirror to my family, like a treasure that should not be moved, a fragile vase. I used this to be able to mould them, to make them understand a little bit. But I have always been a girl, and I never tried to hide this effeminate side of me. I wanted the same things that my elder sister had. If she bought a skirt for herself, she had to buy one for me. If not, there was much drama at home.



TYFANE (left)

O ambiente dos bastidores foi... ai... caloroso (Risos). Foi de louvar mesmo. Eu não esperava. Já tinha participado de eventos de muita gente, mas no Teatro Avenida foi algo diferente. Foi bonito pela vibração do público. Também, para nós como artistas, é muito bom quando nós estamos nos bastidores. Tem uma coisa quando estamos no backstage, percebes? Você a se preparar para dançar, você sabe que tem que enfrentar muita gente, então há sempre aquele frio na barriga antes de entrar no palco. Porque antes de entrar, você pensa em muita coisa: será que o público vai vibrar? Será que o público vai aplaudir? Então sempre há aquele medo, mas depois aquilo desaparece. Eu sentia mais segurança por saber que ali estou com pessoas da mesma comunidade, então não há nenhum receio, nenhum medo.

The ambience backstage was, oh, warm (Laughs). It was really worthy of praise. I didn't expect it. I had already participated in events with many people, but at Teatro Avenida it was something different. It was beautiful because of the excitement of the public. Also, we as artists, it's very good when we are backstage. There's something about being backstage, you know? You are getting ready to dance, you know you have to face a lot of people, so there are always those butterflies in your stomach before entering the stage. Because before you enter, you think about many things: will the audience cheer? Will they applaud? So, there is always that fear, but then it disappears. I felt more self-assured by knowing that I was there with people of the same community, so there were no misgivings, no fear.

ZUBAIDA



LUAN

Neste dia, eu estava a pensar assim: “Uau! Quem diria que eu estaria num palco grande como este aqui e estaria a dançar para este público todo”. Por acaso, eu sou uma pessoa muito tímida e eu pensei que até não conseguiria dançar, com medo do público. Mas quando entrei no palco foi algo normal. Não fiquei tão nervoso.

That day, I was thinking: “Wow! Who’d say that I’d be on a big stage like this, and I’d be dancing for such a big audience.” I happen to be a very shy person, and I thought I wouldn’t even be able to dance, terrified of the audience. But when I went on stage it was something normal. I wasn’t that nervous.

...

Os bastidores, aquilo foi muito divertido. Teve algumas brigas e tal, como disputa do espelho e coisas de maquiagem (Risos).

The backstage, it was very funny. There were some fights and such, like disputes for the mirror and makeup stuff (Laughs).

Nervosismo, acho que é sinal de segurança. Eu acredito que sim, que é sinal de segurança e profissionalismo. Até o último minuto em que eu estava no palco, eu estava nervosa, acredita? (Risos). É engraçado, mas nós não víamos a audiência, as pessoas é que nos viam. Então eu procurava saber: será que eu estou a me dar bem? Deixa fazer isso ou aquilo... Eu só conseguia ouvir barulho. Eu queria que sempre se mantivesse o barulho e acabava fazendo alguma coisa só para agradar as pessoas, só para ver se, eish, se as pessoas estavam a me ver. Um espetáculo sem plateia, sem aplauso, acredito que não é nada.



JENNIFER

Nervousness, I think, is a sign of self-assurance. I believe so. It is a sign of self-assurance and professionalism. Until the last minute I was on stage, I was nervous, can you believe it? (Laughs). It’s funny, but we couldn’t see the audience, people saw us. So, I tried to find out: am I winning? Let me do this or that move... I could only hear the noise. I wanted to keep that noise up, and I ended up doing something just to please people, just to see if, eish, if people were watching me. A show without an audience, without applause, I believe it’s nothing. It’s like you didn’t do anything.



**DAYMON
AKA SASHA CHERRY**

A Sasha, eu sempre quis ser. Sempre ser não, mas sempre quis fazer algo pela comunidade LGBT, não é! Desde então passei a ser respeitado, já era respeitado, mas passei a ser mais respeitado ainda. Creio que a arte drag influenciou também visibilidade da própria comunidade LGBT. Tem muita bichinha dos seus 15 aos 16 anos que quando vê uma drag ou tem acesso a uma conta de Facebook, sei lá o quê, se inspira. E eu tenho muita gente que me manda mensagem, e eu gosto. Eu respondo na hora, para mim é nice.

I always wanted to be Sasha. Well, not always be her, but I always wanted to do something for the LGBT community, isn’t it? Since then I have earned people’s respect. I was already respected, but now I am even more so. I think the art of drag has also influenced the visibility of the LGBT community itself. There are many young gays in their teens, 15 or 16 years old, when they see a drag queen, or when they have access to a Facebook account, whatever, they get inspired. And I have many people who send me messages, and I like it. I answer immediately, for me that’s nice.

Uau! De todas as apresentações, aquela foi a apresentação mais mágica que eu já tive na minha vida, porque envolvia muita coisa. O próprio palco em si era um palco de história. O público que estava ali, meu Deus, eu nunca vi tamanha enchente de pessoas em toda a minha vida. E eu no palco. Uau! E foi uma superprodução, desde o camarim até a recepção, tudo foi uma superprodução, então foi muito mágico.

Wow!! Of all performances, this was the most magical performance I’ve ever done in my life, because it involved a lot of things. The stage itself was a stage with history. The audience that was there, my God, I never saw such a flood of people in my life. And I was on that stage. Wow! And it was a big production, from the dressing room to the reception, everything was a big production, so it was very magical.

...

Nos camarins, foi uma coisa muito familiar, uma coisa muito familiarizada. Nós estávamos muito à vontade, mas ao mesmo tempo estávamos todos nervosos pela apresentação, queríamos tanto entrar no palco e foi muito mágico. E foi muito bom porque a gente conseguiu trocar experiências, conversar. Uma pessoa conseguia fazer o make-up que a outra não conseguia. Alguém olhava e dizia: “não precisas de uma sombra aí?” E então as pessoas ajudavam a fazer uma sombra e tudo mais.

In the dressing room, it was a very familiar thing, a very familiarized thing. We were very comfortable, but at the same time we were all nervous for the performance, we wanted to go on stage, and it was very magical. It was very good because we could exchange experiences, chat. One person could do the makeup that someone else couldn’t. Someone could look and say: “Don’t you need some eyeshadow in there?” And then people would help in doing the eyeshadow, and all that.

...

Eu entrei no palco toda montada, num grande make-up e tudo. E não estava nos meus planos me maquiar, tudo o que eu queria era só um batom. Mas acabei toda num make, com cabelo, e as escritas no corpo. Eu entrei no palco para fazer uma coisa que eu gosto muito, eu gosto muito de levar mensagens. Eu não sei se no momento da dança... acho que as todas as escritas foram se apagando. Mas antes, tinha entrado no palco com duas mensagens escritas no corpo que eram “Love” e “Freedom”. Então, eu estava usando o palco para passar essas mensagens de paz e amor. Foi uma coisa muito boa.

I entered the stage all produced, in big makeup and all. It wasn’t in the plans to do make-up, all I wanted was some lipstick. But I ended up in big makeup, with hair, and writing on my body. I entered the stage to do something that I really like doing, I like carrying messages. I don’t know if while I was dancing... I think the words were getting blurred. But at first, I had entered the stage with messages written on my body, which were “Love” and “Freedom”. So, I was using the stage to convey these messages of peace and love. It was such a great thing.



INOCÊNCIA

Não era a minha primeira vez a dançar em palco, mas foi uma experiência diferente, sim. Porque era um sítio diferente, pessoas novas, um público perto de nós, o que não esperava, né! Foi muito diferente porque era um palco grande. Há muitos cantores que, até hoje, ainda não conseguiram se apresentar no Teatro Avenida, e nós tivemos esse lisonjeio de poder nos apresentar ali. Eu não esperava que tivesse tanta gente a nos assistir também. Foi um espetáculo muito grande e num lugar de renome, mais conhecido, quase todo o mundo conhece o teatro Avenida. Muitas pessoas sonham em dançar ali ou participar em algo ali. Foi algo muito diferente, mas muito diferente mesmo!

It wasn't my first time dancing on stage, but it was a different experience, yes. Because it was a different place, new people, the audience was close to us, which I didn't expect, right? It was very different because there was a big stage. There are many singers who, to this day, have not yet managed to perform at Teatro Avenida, and we were flattered to be able to perform there. I was also not expecting that so many people would be watching us. It was a very big spectacle in a renowned place, a well-known place, almost everyone knows Teatro Avenida. Many people dream to dance there or participate in something there. It was a very different thing, very different, really.

...

Quando eu danço, me imagino como a Nicki Minaj, com mais de mil e tal fãs a me assistirem. Naquele dia, eu fiquei muito emocionada. Eu quase perdia o foco na coreografia, eu esquecia os passos porque o teatro estava cheio, as pessoas gritavam. Meus amigos gritavam o meu nome e aquilo me desconcentrava um pouco, porque eu queria ver quem estava a gritar. Mas foi muito bom.

When I'm dancing, I'm imagining myself like Nicki Minaj, with over a thousand and such fans watching me. That day, I was very moved. I almost lost focus on the choreography, I was forgetting the moves because the theatre was full, people were shouting. My friends shouted my name, and that was a bit distracting, because I wanted to see who was shouting. But it was good.

...

A mensagem do funk é que eu tenho o poder; eu tenho um bumbum de ouro. Escolhemos a música para mostrar que nós, as manas, temos um bumbum de ouro (Risos).

The message of funk is that I have the power; I have the golden butt. We chose the music to show that we, the sis, we have a golden butt (Laughs).



MINAJ

Uma coisa já muito antiga que se faz na Lambda tem mesmo a ver com o espírito artístico que a comunidade tem. Olha, a nível mundial, a comunidade LGBT é uma comunidade alegre, só a palavra gay já diz tudo: alegria e este lado artístico. Todas as pessoas da comunidade têm alguma parte artística, né?

Something that has been done for some time in Lambda has to do with the artistic spirit that the community has. Look, on a global level, the LGBT community is a joyful community, the word "gay" says it all already. It shows joy and this artistic side. Every person in the community has an artistic side, you know?

...

Quanto mais pessoas houverem interessadas em estimular o seu lado artístico, para nós melhor. Agora como isto surge? Surge no âmbito da visibilidade positiva, porque vamos utilizar a arte para garantir a visibilidade positiva da comunidade LGBT perante a sociedade. Se a arte é uma coisa boa e temos artistas na comunidade, porquê não investir nisto, que é a arte? Para que os nossos artistas estejam próximo de nós e possam usar da arte para fazer o activismo.

The more people there are interested in stimulating their artistic side, the better for us. Now, how did this come about? It came about within the scope of positive visibility, because we use the arts to advance positive visibility of the LGBT community before society. If art is a good thing, and if we have artists in the community, why not invest in it, in the arts? So that our artists remain close to us, and so they can use their art for activism.

MACHACHITO

Foi um momento do grupo também, né? Um momento histórico, né? Foi por isso que eu aceitei esse desafio, foi uma oportunidade de artista, de estar lá. Quem não gostaria de pisar o palco do Teatro Avenida? Vários artistas que têm nome hoje, passaram por lá.

It was a group moment too, right? It was a historic moment, wasn't it? That's why I accepted the challenge, it was an artistic opportunity, being there. Who wouldn't want to step on the stage of the Teatro Avenida? Several of these artists who have a name today have been there.

...

Eu estava ali para mostrar aquilo que é a minha arte. Estava a incentivar as outras meninas, as outras pessoas da comunidade que tem essa vontade de começar a se apresentar, começar a fazer shows drag. Estamos a trabalhar no incentivo dessas pessoas.

I was there to show what my art is. I was encouraging the other girls, the other people in the community who may have this desire to start performing or start doing drag shows. We are working on encouraging these people.



PEPETSA

Parte II

Part II

‘Perdidos e Achados’

‘Lost and Found’

A primeira festa LGBT que eu fui, quando cheguei lá, me senti perdida e me senti encontrada. Perdida, porquê? Porque foi antes de eu me habituar, então no início foi algo que me desorientou. Mas depois, com o passar do tempo, me habituei, me integrei, fiz amigos, me encontrei naquele lugar. Me senti à vontade lá dentro, como um deles. Bem, como um de todos nós. Me senti muito à vontade.

The first LGBT party that I went to, when I got there, I felt lost and I felt found. Why lost? Because it was before I got used to it, so at first that was something that disoriented me. But later, as time passed by, I got used to it, I integrated myself, I made friends, I found myself in that place. I felt comfortable inside, as one of them. Well, as one of all of us. I felt very comfortable.

STEFANY

A primeira vez que fui a uma festa LGBT, foi em uma discoteca. Aquilo foi impactante. Porquê? Porque eu fiquei feliz quando eu percebi que, no meu país, éramos muitos e que podíamos nos encontrar, viver e compartilhar aquele momento juntos. No meio daquela diversão toda, conversávamos, trocávamos impressões, e isso contribuiu para a formação da minha personalidade, não é? Pois, fui percebendo como outros jovens encaravam uma ou outra coisa. Encarei aquilo como uma coisa muito boa, tanto é que voltei a participar mais vezes. Ainda hoje, as festas LGBT são eventos muito importantes para a comunidade porque é lá onde a comunidade tem a oportunidade de se expressar, não é? De viver livremente a sua orientação sexual e de fazer aquilo que se calhar não consegue fazer nas festas comuns.

The first time I went to an LGBT party, it was at a disco. That was impactful. Why? Because I was happy when I realized that, in my country, there were many of us, and that we could meet, and live, and share that moment together. And in the midst of all this fun, we talked, shared impressions, and that contributed to the formation of my personality, isn't it? Because I was learning how other young people faced something or the other. I saw all this as a very good thing, so much so that I came back other times. Even today, LGBT parties are very important events for the community, because that is where the community has the opportunity to express themselves, isn't it? To live their sexual orientation freely and to do what they may not be able to do at ordinary parties.

PAIXÃO

A primeira festa LGBT que eu fui, foi uma festa no Centro Hípico, ali no jardim. Foi a primeira festa que eu participei. Foi lá, também, onde conheci muitas pessoas da comunidade. Foi a primeira vez que via tantas pessoas LGBT juntas. Foi muito bom, ver que pelo menos não estou sozinha no mundo. Foi ali onde fiz várias amizades.

The first LGBT party I went to, it was a party at the Centro Hípico, in the garden. It was the first party I attended. It was also there that I met many people from the community. It was the first time that I saw so many LGBT people together. It was good to see that at least I'm not alone in the world. It was there that I made several friendships.

BRUNNA

Minaj:Uau! Não aguento (Risos). Não aguento com a Drica.
Shelly: As que tu vês, depois passas para aqui.
Minaj: Um momento de confraternização... Ai, aqui estás tu (Risos).
Shelly: Estava a comer pizza.
Minaj: Eu estava aonde aqui? Ah! Eu estava a ensaiar: A Jenni, Jenni. Ai, não aguento. Bruna e Mateus. A Jenni está calor (Risos). Ai, a Leni. Ai, como estás bonita tu.
Shelly: Eu sou lindo.
Minaj: Bruna, Kaká, Sheila. Eu não estou em nenhuma foto, o que é que se passa? Não e não, não estou a gostar.
Shelly: Calma, vais encontrar uma em que estás presente.
Minaj: Uau! Gostei desta foto. Eu estou aqui, mas me cortaram, e eu não gostei.
Shelly: Estávamos a falar o quê aqui?
Minaj: Estou aqui numa foto feia, eu estava a vestir.
Shelly: Estavas a fazer o quê aqui? Humm, estavas a me fechar.
Minaj: A tua calça. Olha lá aqui.
Shelly: Adorei.
Minaj: Ai, minha foto.
Shelly: Como estás gorda.
Minaj: Eu sou gorda. Eu só saí em uma foto só.
Shelly: Meu Deus aqui estavas a fazer o quê? Descamisado? Aqui eu não estava a olhar na foto, né?
Minaj: Eu não gostei.
Shelly: Eu posso ser modelo porque não sou gordo, na dança e na moda. Minaj, já acabaste com as fotos.
Minaj: Só em uma foto eu saí.

Minaj:Wow! I can't (Laughs). I can't with Drico.
Shelly:The ones you see, hand over.
Minaj:A moment of confraternisation. ... Oh, there you are (Laughs).
Shelly:I was eating pizza.
Minaj:And where was I here? Ah! I was rehearsing. Oh, Jenni, Jenni. Oh, I can't! Bruna and Mateus. Jenni is looking hot (Laughs). Oh, Leni here. Oh, how pretty you are looking here.
Shelly:I am pretty.
Minaj:Bruna, Kaká, Sheila, I'm not finding myself in any picture, what's going on? No and no, I'm not liking this (Laughs).
Shelly: Chill, you will find one where you appear.
Minaj:Wow! I liked this picture. I'm here, but they dropped me out. I don't like it.
Shelly:What were we speaking about here?
Minaj:Here I am in an ugly picture, I was putting my clothes on.
Shelly:What were you doing here? Humm, you were zipping me up.
Minaj:Your trousers. Look here.
Shelly:I love them.
Minaj:Oh, my picture!
Shelly:You look so fat.
Minaj:I am fat. I only appeared in one photo.
Shelly:My God, what were you doing here? Shirtless? Here, I wasn't looking at the picture, right?
Minaj:I don't like it.
Shelly:I can be a model because I'm not fat, in dancing and in fashion. Minaj, you are done with the photos.
Minaj:I was only there in one photo.

Essa foto mostra um olhar muito forte, um olhar de uma pessoa determinada, que pode encarar tudo, uma pessoa que não tem medo de barreiras, uma pessoa que enfrenta a sociedade. É uma pessoa que esta pronta para o que der e vier. Eu estou aqui e eu vos encaro. O meu olhar já diz tudo. Eu fixei num ponto e dizia assim: seja lá o que for, seja isto. Sempre há uma luz no fundo do túnel, mas a mudança... a mudança sou eu.

This photo shows a very strong expression, the eyes of a determined person, a person that can face it all, a person who is not afraid of fences, a person that stands up to society. This is a person who is ready for whatever comes their way. I am here and I face you. My expression already says it all. I was looking at a spot and I told myself: whatever it may be, be this. There is always a light at the end of the tunnel, but the change... is me.

...

Eu gosto de fotos, sou apaixonada por fotos, por um bom retrato. Para mim, tirar fotos na rua foi um desafio, e minha vida eu vivo como um desafio. Eu não gosto de não ser olhada, gosto que me olhem para ter mais atitude, a pessoa é meu espelho e se não me olha eu vou achar que sou muito feia, que não vesti bem, então tem que me olhar e me admirar. Então, tu és o meu espelho, se me olhas eu acho que estou bem. A sociedade, para mim, é o meu espelho.

I like photos, I love photos, a good portrait. For me, taking pictures in the street was a challenge, and I live my life as a challenge. I don't like not being looked at, I like when someone looks at me to give me that boost. People are my mirror; if they don't look at me I will think that I'm ugly, that my clothes are ugly, so you have to look at me and admire me. So, you are my mirror; and if you look at me I'll think I'm good. Society, for me, is my mirror.

...

Essa foto até é meio triste para mim. Diz-me que estou um pouco sozinha, mas eu tenho uma família que é minha comunidade. Há pessoas que em casa se sentem um bocadinho enjauladas porque não se sentem confortáveis, os pais não as respeitam, não as assumem. Então, quando estas pessoas estão na comunidade, se sentem mais felizes. Essa foto retrata esse historial. Eu não estou sozinha, eu tenho a minha comunidade que me apoia, que me acolhe, que me dá apoio e carinho.

This photo is even a little bit sad for me. It tells me that I'm a bit lonely, even though I have a family that is my community, because there are people who feel a little bit caged at home, who don't feel comfortable at home, because their parents don't respect them, they don't accept the children they have. So, when these people are with the community, they feel happier. This picture tells a bit of this story. I am not alone, I have a community that is there for me, that shelters me, that lands me support and affection.



DRICA
1992
Maputo





TYFANE
1995
Maputo

Quando vejo uma foto assim, minha, eu penso: morri para viver. Sabes porque digo isso? Porque há alguns anos sofri um acidente mortal mesmo, um acidente que destruiu um bocadinho a minha beleza. Então, quando vejo que o acidente não tirou tudo de mim... porque eu estava morta praticamente. Fiquei um mês em coma, sem abrir a boca, sem comer. Então vejo que ainda tenho um bocadinho de beleza, tenho, um bocadinho lá no fundo. O acidente não conseguiu me tirar tudo. Ainda tenho o charme (Sorriso). Por isso a minha beleza é uma protecção, meu escudo, porque eu preciso dela. Se não fosse isso, nem força para sair na rua eu não teria.

When I see a picture of me like this, I think: I died so I could live. You know why I say that? Because a few years ago I suffered a very bad accident, an accident that destroyed my beauty a little bit. So, when I see that this accident did not take everything from me... because I was almost dead, really. I was in a coma for one month, without being able to open my mouth, without eating. So, I see that I still have a little bit of that beauty, I do, deep inside me. The accident could not take everything from me. I still got my charm (Smiles). That's why my beauty is a protection, my shield, because I need it. If it wasn't for this, I wouldn't even have the strength to get out on the street.

...

Depois do acidente, eu raramente andava de cabelo preso, eu tinha que sempre deixar o cabelo solto para tapar o rosto. Depois de um tempo, fui vendo que ninguém paga as minhas contas e ninguém compra minha comida, minha roupas. Então, por quê me privar de viver a pessoa que eu sou porque as pessoas vão dizer “olha, ela está deformada”, coisas assim. Então, ganhei a coragem de sair à rua sem tapar o rosto, sem esconder aquele lugar deformando. Agora uso do glamour, dessa essência de riqueza, para tapar esse lugar. Eu não gosto desse lugar, não sei se estou a aprender a gostar...

After the accident, I rarely had my hair tied up, I always left it loose so it would cover my face. But after a while, I started to think that nobody pays my bills and nobody buys me food, buys me clothes. So, why would I deprive myself from living as the person that I am because people will say “look, she is deformed”, things like that. So I gathered the courage to go out on the street showing my face, without hiding that deformed spot. I also use glamour, I use this essence of richness, to cover this spot. I don't like that spot. I don't know if I'm learning to like it...

...



Esta pose! A pose é tipo “olha-me” (Risos). Mas, não me olhe com pressa, me olhe devagar porque eu sou a tal, eu sou a top. Esta pose diz: sou mulher poderosa. E é por trás desse poder que se esconde uma menina muito frágil e leve de se machucar. Acho que é por isso e eu uso desse poder para esconder o que está dentro de mim, mas eu preciso libertar essa pessoa que está dentro de mim. Eu tenho medo de mostrar esse lado frágil e nunca mostrei mas, quanto mais a pessoa convive comigo acaba descobrindo que eu não sou essa pessoa poderosa (Risos).

This pose! This pose is like “look at me” (Laughs). But don't look at me in haste, look slowly because I am the one, I am the top. This pose says: I'm a powerful woman. And it's behind this power that a very fragile girl is hidden, a girl who easily gets hurt. I think that's why I use this power to hide what's inside me, but I need to free this person who is inside me. I have to show this fragile side of me, and I never have. But the more someone spends time with me, they end up finding out that I'm not that powerful person (Laughs).

Eu procurei a minha pose neste ângulo porque parece que estou presa e não consigo me libertar. Então, sugeri a fotografia nesses dois coisos. Na foto eu quero me libertar porque sinto que estou presa mas, não consigo encontrar o caminho para poder voar:

I sought to pose at this angle because it looks like I'm in a cage and I can't free myself. So, I suggested the photograph between these two things. In the photo, I want to free myself because I feel like I'm stuck, but I can't find the way so I can fly away.

...

Essa preocupação com a aparência me faz tirar fotografia sempre, porque eu adoro receber elogios, ouvir que sou bonita (risos). Eu gosto de saber que sou linda, sou maravilhosa. Em um dia, quando eu saio assim na rua e não comentam do tipo “a tua roupa está boa, estás linda”, eu fico muito preocupada, fico mal-disposta! Da minha casa até à paragem de autocarro, eu passo por dezenas de pessoas que estão lá sentadinhas nos seus postos de venda. Então, aquelas senhoras vendedoras de rua, elas acabam sendo a minha plateia na passarela, sempre que eu passo me elogiam, gritam meu nome, me chamam de bonita, tudo fazem por mim. Então, quando um dia passo e aquele movimento de chamar atenção das senhoras não acontece, fico preocupada.

This concern with my appearance makes me take photos always, because I love to receive compliments, to hear that I am pretty (Laughs). I like to know that I am beautiful, that I am wonderful. The day I go out on the street and I don't hear someone saying something like “your clothes are nice, you are beautiful”, I get worried. I feel grumpy. And from my house to the bus stop I walk by dozens of people who are there sitting by their street shops. So those lady vendors, they become my audience on the runway, so every time I walk by them, they compliment me, they shout out my name, they call me pretty, they do all sorts of things for me. So the day I walk by and this moment of calling these ladies' attention does not happen, I get worried.





LENNY
1998
Maputo

Quando eu me transformei em trans, eu já não vivia com os meus pais, eu vivia sozinha. Mas depois quando fui visitar os meus pais, já fui vestida como trans. Trancei o cabelo, trazia um cabelo comprido. E simplesmente cheguei à casa da minha família como uma mulher. Eles acharam aquilo uma coisa muito fofa, uma coisa muito bonita. Aquilo não foi um impacto para eles, porque eles também já sabiam que existiam mulheres trans. Então, quando cheguei, minha mãe até gostou, me abraçou, me deu dois beijinhos e disse que eu estava muito bonita. E até me pediu algumas roupas emprestadas. Até hoje eu divido as minhas roupas com a minha mãe.

When I became a trans woman, I no longer lived with my parents, I was already living on my own. But later, when I went to visit my parents, I was already presenting as trans. I braided my hair, I had long hair. And I simply landed in my family's home as a woman. They thought it was a very cute thing, a very beautiful thing. That wasn't much of a shock for them, because they also already knew that trans women existed. So, when I arrived, my mother even liked it, she hugged me, gave me two kisses and said that I looked very beautiful. And she even asked to borrow some clothes. To this day, I share my clothes with my mother.

...

Não tenho problema algum eu me mostrar, porque é uma causa que estou a abraçar e essa causa vai beneficiar a mim mesma. Então, não tenho porquê ter problemas em aparecer. Porque para a nossa batalha ser ganha nós temos que aparecer. Nós não podemos lutar numa guerra sem aparecer. Para mim é uma coisa muito normal e se eu tiver que aparecer mais vezes, eu apareço (Risos).

I have no problems showing myself, because this is a cause that I am embracing, and that cause will benefit myself also. So, I have no problems with showing up. Because for our battle to be won we have to show up. We cannot fight a war without showing up. And for us to win this war, we have to show ourselves. For me this is a very normal thing. And if I have to show myself other times, I will (Laughs).

Nesta foto, estou super descontraída, né? São poucas as fotos que eu tiro sem sorrir. Não consigo fazer fotos sem demonstrar um sorriso. Eu disse ao fotógrafo que as minhas melhores fotos são as descontraídas. Se fores a dizer “fica assim”, eu não vou gostar; então lance uma piada, faça-me rir, porque são os melhores ângulos de fotos que tu podes pegar ou captar em mim. Com essa coisa da gargalhada... Essa foto reflecte a minha realidade, reflecte aquilo que eu sou. Eu sou uma pessoa super simples, essa pessoa simples, que gosta de rir. Eu gosto de humor; mesmo quando estou triste.

In this photo I'm super relaxed, aren't I? I only rarely take pictures without a smile. I can't take pictures without showing a smile. I told the photographer that my best photos are the relaxed type. If you are going to tell me “stay put like this”, I won't like it, so tell me a joke instead. Make me laugh. Because they are the best angles that you can take of me or capture of me. With this thing of laughing out loud... this photo reflects my reality, reflects what I am. I am a super simple person, I'm this simple person who likes to have a laugh. And I like humour, even when I'm sad.

...

Tirar fotos na rua foi uma boa experiência. Boa, por quê? Porque foi um momento de marcha. Nós em grupo, andamos a cidade toda a pé e as pessoas nos olharam. Foi um momento de choque, né? Foi nice, também por saber que estou a fazer um trabalho que vai influenciar muito naquilo que é a visibilidade da minha comunidade. Foi um momento de vitórias e oportunidades, mais de oportunidade por essa questão da visibilidade, essa questão da exposição, porque se nós fizemos essas fotos é porque não temos problemas em dar o rosto. São pessoas que se afirmam, que têm os pés no chão, que dizem: “olha, eu me afirmo como um gay, eu me afirmo como um trans, eu me afirmo como um bi”. Pessoas que têm a sua própria identidade, que não tem problemas em mostrar aquilo que nós sabemos fazer, porque também somos modelos, né? Esses momentos são marcantes.

Taking pictures on the street was a good experience. Why do I say that? Because it was a moment of march. We, as a group, walked around the whole city on foot, and people looked at us. It was a moment of shock, right? It was nice, also because I know that I am working on something that will influence a lot the visibility of my community. It was a moment of victory and opportunity, of opportunity more than anything because of this issue of visibility, the issue of exposure. Because if we took these photos, it's because we have no problem in showing our faces. These are people who assert themselves, who are down to earth, who say: “Look, I accept myself as a gay, I accept myself as a trans, I accept myself as a bi.” People who have their own identity, who have no issues in showing what we know how to do... because we are also models, right? These are remarkable moments.



PEPETSA
1994
Maputo



JENNIFER
1992
Boane

Aqui na foto, eu estava a pensar “Seja o que Deus quiser, vamos a isso!”. Nós estávamos a chamar a atenção das pessoas, porque não éramos dez, éramos mais pessoas. Aquilo, em algum momento, foi uma coisa muito chocante, mas ao mesmo tempo bom. O resultado foi bonito.

Here, in this picture, I was thinking, “It’s in God’s hands, let’s do this!” Because we were calling people’s attention. Because we weren’t a group of ten, we were more people. That, at some point, was a very shocking thing, but at the same time a good thing. The end result is beautiful.

...

Bom, para falar da visibilidade trans nos últimos anos... Visibilidade é aquilo que nós queremos, que estamos a lutar para ter: Estamos a lutar para ser aceites na sociedade, porque não é uma coisa falada. As mulheres trans aqui em Maputo, ou aqui em Moçambique, ainda são olhadas como pessoas disfarçadas. Então, sendo assim, esta é uma das coisas que também queremos pôr na mente das pessoas, que nós não somos disfarçadas, mas sim somos pessoas que gostam de se vestir assim. Estamos no nosso dia a dia assim. Temos que fazer perceber à sociedade que homens ou mulheres trans são pessoas que preferem apresentar-se na sociedade desta forma e não ser olhados como pessoas disfarçadas. Isso é um tabu que ainda precisamos mesmo de lutar.

Well, talking about trans visibility in the last few years... Visibility is what we want, is what we are struggling to achieve, we are struggling to be accepted in society. Because this isn’t something people spoke about. Trans women here in Maputo or here in Mozambique are still looked at as people in disguise. So, this being the case, this is one of the things we also want to put in people’s minds, that we are not in disguise, but we are people who like to dress like this, we live our daily lives like this. We have to make society realize that trans men or women are people who prefer to present themselves to society in this way, and not be looked at as people in disguise. This is a taboo that we really need to fight against.



BLUE
2000
Maputo

Na escola, no teatro, nós fazíamos muita coisa. Eu, particularmente, gostava sempre de ser a mãe. É aí onde eu me expressava mais. Gostava de fazer a mãe, a vovó, a briguenta. Tudo era comigo. Na altura, eu sabia que tinha algo assim em mim, algo que eu não sabia expressar, mas eu era diferente, sim! O que me ajudou na descoberta da minha sexualidade foram as redes sociais. Quando tive o telefone, tive acesso ao Facebook, aí encontrei as amigas e, também, vi dois homens se beijando pela primeira vez. Foi assim que me descobri. Hoje, eu sou super assumida (Risos). Digo isso, que eu sou uma pessoa super assumida sobre a minha sexualidade. Meu espelho. Eu vivo para o mundo. Eu sei quem eu sou. Sou LGBT, então, aceita-me como eu sou.

At school, in the theatre classes, we did many things. I particularly always enjoyed playing the role of the mother. That’s where I expressed myself the most. I liked to play the mom, the grandma, the quarrelsome woman. I was up for anything. At the time, I knew there was something about me, something that I didn’t know how to express, but I was different, yes. Later, what helped me in the discovery of my sexuality was social media. When I got a phone, I had access to Facebook, then I made friends, and I also saw two men kissing for the first time. That’s how I learned about myself. Today, I am super open (Laughs). I say this, that I am a super open person about my sexuality. My mirror: I live for the world. I know who I am. I am LGBT, so accept me as I am.

Foi muito bom, eu não esperava tirar fotos na rua, mas foi um cenário bonito. Quando vejo uma foto assim, sinto-me uma figura pública. Acho que o meu sonho está a se realizar a cada dia que passa. Meu sonho de conhecer novas fronteiras, conhecer outras pessoas no mundo da dança. Sempre sonhei em um dia tirar fotos profissionais, fotos para alguma revista ou para alguma exposição. Aqui estava a olhar para o céu, a me imaginar, eu ali a dar um show. A pegar nos meus cabelos compridos.

It was very good, I wasn’t expecting taking photos on the street. But it was a beautiful setting. When I look at a picture like this, I feel like I am a public figure. I think that my dreams are coming true, bit by bit. The dream of crossing new boundaries, to know more people in the dance world. And it seems like my dreams are coming true every passing day. I have always dreamed of taking professional photographs, for a magazine or an exhibition. Here I was looking at the sky, imagining myself there, giving a show. And touching my long hair.

...

Eu sempre gostei de fazer danças sensuais e danças femininas. Então, para mim, aquilo despertava um interesse. As pessoas olhavam, do tipo: “como é que ele dança algo de mulher, enquanto ele é homem?”. Eu continuei a fazer aquilo, só para as pessoas verem que eu sou assim. Essas opiniões não mudam nada na minha vida. Então, eu acho que a dança me ajudou muito. Ajudou a fazer as pessoas me aceitarem. Eu gosto de dançar, então, quando há uma festa na minha família, sempre me chamam: “Ah! Venha dançar, venha dançar!”. Então, a dança contribuiu para que a minha família aos poucos começasse a me aceitar.

Eu gosto de músicas sensuais porque mexem comigo, então quando eu faço, faço com gosto. Eu gosto quando uma pessoa olha para mim, a admirar o que estou a fazer: Quando uma pessoa me olha com aquele olhar de que “esta sim, esta pode” (Risos).

I always liked to do sensual dances and feminine dances. For me, that was what aroused an interest. People looked, like: “How does he dance something so feminine, when he’s a man?” I continued to do that, just for people to see that I am like that. But these opinions don’t change anything in my life. So, I think the dance helped me a lot. It helped in making people accept me, dancing helped me because, in my family, I like to dance. When there is a party, they tell me: “Ah! Come dance, come dance!” Then, my family began to accept me little by little.

I like sensual songs because they move me, so when I dance to them, I do it with pleasure. I like when a person looks at me, admiring what I’m doing. When someone looks at me with that look, like “this one, yes, this one does it well” (Laughs).



MINAJ
1998
Maputo



ABIRAGE
1998
Maputo

Eu acho que, desde criança, nunca tive dúvida de que eu era gay. Quando me descobri? Não sei dizer ao certo (Risos). Mas quando tinha catorze ou quinze anos, relacionei-me com alguém. A pessoa vivia na mesma zona que eu. E num belo dia, ele me adicionou no Facebook e nalgum momento vi no Facebook que nós tínhamos muitos amigos em comum. Teclamos, teclamos e no final marcamos de nos encontrar. Nos encontramos, conversamos e rolaram alguns beijinhos. De lá até então, muita coisa mudou. Eu descobri que era aquilo mesmo.

I think since childhood I never had any doubts that I was gay. I can't say for sure when I discovered myself (Laughs). But when I was 14 to 15 years old, I had a relationship with someone who was around that same age. The person lived in the same area as me. And one beautiful day, he added me on Facebook, and, at some point, I saw that he had many friends in common with me. We chatted, chatted, and we finally arranged to meet. We met, talked and kissed a little bit. Since then, a lot has changed. I found out that that was it.



DANNY
1996
Maputo

Desde criança comecei a me descobrir. Eu até quando punha aquela roupa de mulher eu não gostava, nem de boneca. Eu gostava de jogar futebol, gostava de actividade com homens mais do que com mulheres. Então, foi aí que eu me descobri que não sou aquilo. Quando eu tinha dezassete anos, eu saí do armário. Eu falei com o meu pai e até agora a gente não se dá bem por causa disso. Já minha mãe me aceita como eu sou. Ela já não tem problema com isso. Com ela, eu acho que foi fácil porque, eu levava a minha namorada para casa e ela nos via. Ela um dia me perguntou sobre “aquilo” e eu acabei explicando o que estava a acontecer. Nos primeiros dias, ela ficou meio chateada, mas depois passou. Ela já sabia. Até tinha uma novela que sempre davam, em que havia um homem trans, então ela sempre me chamava, dizia “Ivan é a tua irmã”. Na verdade, ela depois me disse que já desconfiava desde que eu era criança.

Since I was a child, I started to discover myself. Even when I had that girly outfit on, I didn't like it, I didn't like dolls either. Since I was a child, I've liked playing football, I liked activities with men rather than with women. So that's when I found out that I wasn't that. When I was 17 years old, I came out of the closet. I told my father and until now we don't get along because of that. My mother accepts me as I am. She has no problems with it anymore. With her, I think it was easier because I used to take my girlfriend home and she'd see us. One day she asked me about it, and I ended up explaining what was going on. In the first few days she was a little upset, but then it all passed. She already knew. There was even a soap opera that was always on in which there was a trans man, so she'd always call me, to say “Ivan is your sister.” In fact, she later told me she had been suspicious since I was a child.

Uau! It's me. Estou tão eu! Eu gosto de fotos assim tipo, natural things... Eu gosto de fotos naturais que retratam a pessoa sendo ela, não muito modelada, mas que a pessoa se libere. Estas fotos retratam muita coisa. Eu vejo que estou com um olhar sereno. Retratam um garoto sonhador, que espera levar os seus sonhos avante, na dança, nos workshops em que eu costumo estar. Eu quero fazer alguma diferença e que essa diferença seja feita como uma pessoa LGBT mesmo. Eu quero que a bandeira LGBT seja levantada, por isso, em todas as minhas performances eu sempre estou com a minha bandeira. Nunca vou fazer uma performance sem a minha bandeira e isso pode se retratar no olhar, na própria foto. Aqui eu estava a pensar: “será que isso vai terminar aqui ou essas fotos vão nos dar mais oportunidades? Será que mais portas vão se abrir?”. Era isto o que estava a passar na minha mente e passou o flashback do próprio show no Teatro Avenida, então, eu queria retratar isso para a própria câmara. Acho que consegui!

Wow!! It's me. I'm so myself here. And I like photos like this, like natural things... I like natural photos that portray a person being themselves, not very posed, but when the person is free. These pictures portray a lot. I see that I have a serene expression. But they portray a dreamy boy, who hopes to take his dreams forward, through dance, through the workshops I usually attend. I want to make a difference and that this difference be made as an LGBT person. I want the LGBT flag to be raised, that's why in all my performances I always have my LGBT flag. I never perform without my flag, and you can see that in my eyes, in the photo itself. Here I was thinking: “Will this end here, or will these photos give us more opportunity, open more doors?” That's what was going on in my mind, and I had flashbacks of the performance at Teatro Avenida, so I wanted to show that to the camera. I think I managed.

...

Quando eu entrei na escola eu já sentia atracção pelos meninos, então isso foi complementando as perguntas que eu já me fazia há algum tempo: “Uau! O que é que está a acontecer comigo? Será que eu nasci num corpo errado?” No fundo eu já sabia, mas eu tentava esconder. Eu fazia de tudo para esconder a minha orientação sexual. Na escola, eu sempre fui aquele que brincava com os garotos, os mais bad boys da escola. Foi na minha adolescência, depois de ter perdido a minha mãe, que eu fiquei um tempo deprimido e comecei a reflectir. Então, quando estava a me recuperar um bocadinho da depressão comecei a fazer uma autoaceitação comigo próprio. Conheci uma pessoa e também acabei autoaceitando a minha orientação sexual. Então, eu aproveitei para sair do fundo do poço com tudo e cheguei chegando.

When I started going to school, I already felt attracted to boys, so that added to the questions I had already been asking myself for some time. That's how I started to connect the dots and realized that “Wow! What is happening to me? Was I born in the wrong body?” Deep inside I already knew, but I tried to hide it. I did everything to hide my sexual orientation. At school, I was always that person who hung out with boys, with the “bad boys” of the school. It was in my adolescence, after losing my mother, that I was depressed for a while and started to reflect. So, when I was recovering a little from depression, I started to accept myself. I met someone and I also ended up accepting my sexual orientation. I took the opportunity to pull myself out of the deep end with everything I had, and I came back with a bang.



INOCÊNCIA
1994
Maputo



LILOCA
1992
Maputo

Eu, a medida que ia crescendo, ia notando algumas coisas estranhas em mim. Quando eu via um homem, meu coração batia muito, com desejo, mas quando via uma mulher, isso não acontecia. Então, fui crescendo com essa pequena dúvida: o que acontece comigo? Eu sou homem e tinha que desejar mulheres, mas não, desejo um outro homem, o que se passa? O que se passa? Então, daí começou a germinar, a crescer uma arvore de dúvidas, estilo, o que se passa? Foi assim até entender melhor as coisas. Depois, comecei a minha transição ainda vivendo em casa do meu pai. Algumas vezes vestia blusinhas, outras vezes levava um tijolo, partia e me pintava. Sim, tijolo, tijolo mesmo! Eu quebrava o tijolo para ficar em pó e depois punha na cara. Fazia isso, me maquiava, frisava o cabelo, essas coisinhas...

When I was growing up, I was always noticing strange things in myself. I just needed to see a man for my heart to start racing, with desire. But with women this didn't happen. So, I grew up with this little question: what is happening to me? I'm a man and I had to desire women, but no, I desire another man, what's up? What's up with that? So that's when it started to germinate, a tree of doubts started to grow, like, what's going on? It was like this until I understood things better. Later, I started my transition while still living at my father's house. At some point I would wear a blouse, some other day I would take a brick, crush it, and use it to paint myself. Yes, a brick, a real brick. I'd break the brick into a powder and put that on my face. I used to do that, do my makeup, curl my hair. So, little things like that.

...

Não é fácil viver como uma mulher trans. Hoje em dia, as coisas até já vêm mudando pouco a pouco. Há algum tempo era muito difícil, mesmo para sair e ir ao mercado a pessoa tinha que ficar com medo. Hoje em dia, tu vais ao mercado normalmente, as pessoas só te olham, mas há muito tempo, o mercado parava para ver: Essa mudança se deve à nossa insistência, a nossa insistência mesmo, a nossa força de vontade de enfrentar as pessoas sem medo. Digo que Maputo aceita tudo, porque se fosse um sítio que não aceitasse... Só no momento em que eu estava a me relacionar com um tipo, quando eu vivia lá atrás do mercado Xipamanine, saíamos de mão dadas, abraçadinhos, as pessoas já sabiam que eu namorava, que é o namorado da Liloca, é o marido da Liloca. Se não tivessem essa atitude liberal, acho que as pessoas iam nos apedrejar.

It's not easy to live as a trans woman, but things have been changing nowadays, little by little. Some time ago was so hard, even to go out, to go to the market, you had to be afraid. Nowadays you can go to the market normally, people will only look at you. But a long time ago, the market would stop to stare. But not today. This change is due to our insistence, our very existence, our willpower to face people without fear. I say that Maputo accepts everything, because if it was a place that did not accept... When I was dating this guy, when I lived there, behind the Xipamanine market, we would go out holding hands, hugging each other. People already knew we were dating, that he was Liloca's boyfriend, he was Liloca's husband. If it wasn't for this liberal attitude, I think people would have stoned us.

HANHANE (right)

Nessa fotografia, eu vejo muito poder, muito atrevimento, muita força e muita coisa boa. Vejo duas pessoas na verdade. Uma sem género e outra se calhar sem género também, mas a expressão é que mostra que é uma pessoa masculina. Entretanto, se olhas para mim tu percebes que aqui não há muita masculinidade como tal (Risos).

In this photo, I look at it and I see a lot of power, a lot of boldness, a lot of strength, and many good things. And I see two people actually. One is gender fluid and the other perhaps is also gender fluid, but the expression shows that it's a male figure. But if you look at me, you see that there is little masculinity as such here (Laughs).

...

Nessa sessão fotográfica, eu não fiquei muito tenso. Eu faço fotografia com frequência e sempre que vou fotografar fico muito ansioso, a pensar como as fotos vão sair, como há-de ser. Mas aqui foi uma coisa muito à vontade, uma coisa muito bonita. É muito bom fazer as coisas em comunidade, porque é um ambiente mais extrovertido, mais à vontade, sem formalismo. Foi uma experiência única.

In this photo shoot, I wasn't very tense. I do photography frequently, and whenever I go for a photo shoot, I get very anxious, thinking how the photos will come out, how it will look like. But here, it was a very comfortable thing, a beautiful thing. It's very nice to do things as a community, because it's a more relaxed environment, more easy-going, without formalities. It was a unique experience.

...

PAIXÃO (left)

Foi uma experiência única, eu nunca havia tido a oportunidade de poder posar, assim, para as câmaras, e não me senti acanhado. Acho que as pessoas têm que começar a perceber que nós também fazemos acções como estas, assim, de forma aberta. Então, para mim foi bom, as pessoas puderam ver que, de facto, estamos a lutar por aquilo que são os nossos direitos através destas fotografias.

It was a unique experience, I had never had the opportunity to pose, like this, for the cameras. And I didn't feel shy. I think people have to start realizing that we also do actions like this, out in the open. So, for me it was good that people could also see that we are in fact fighting for our rights through these photographs.



HANHANE (right)
1997
Maputo

PAIXÃO (left)
1998
Maputo



MACHACHITO
1996
Maputo

Este dia foi maravilhoso. Primeiro pelas fotos que nós tiramos. Foram fotos na rua, era um grupo da comunidade LGBT a andar na rua e a fazer fotos artísticas. O que eu quis mostrar é que nós existimos. A visibilidade para nós é a nossa maior arma e as pessoas devem perceber que nós existimos. Devem deixar todos esses padrões culturais: “Ah! Porque é homem não pode vestir-se de mulher. Ah! Porque é homem não pode pôr um cachecol”. Então, foi mais ou menos o que aconteceu, aqui eu disse: “why not? Se eu saio de dia assim, as pessoas me olham, mas tem que parar de olhar de forma estranha”. Decidi vestir assim e isso não me faz menos homem. Então, para mim, esta visibilidade transmite a nossa segurança, transmite uma postura positiva para a comunidade LGBT.

That day was wonderful. Firstly because of the pictures we took. They were pictures on the street, with a group of LGBT people, walking on the street and taking artistic photos. I wanted to show that we exist. For us, visibility is the best weapon, and people must realize that we exist. They must put their cultural standards aside. “Oh, because he is a man he cannot dress as a woman, because he is a man he cannot wear a scarf.” So, that is what happened. Here I thought: “Why not? If I go out like this, people will stare, and they should stop staring in an odd way.” So later I decided to dress like this, this doesn’t make me more or less of a man. So for me, this visibility transmits our confidence, transmits a positive outlook for the LGBT community.

...

Um activista tem que ser empático, né? Empatia, quer dizer que deve saber se colocar no lugar dos outros. Se eu sou activista, é porque defendo uma certa causa; é porque eu sei que, de algum modo, existem lacunas e dificuldades em torno da causa que eu defendo. Portanto, um activista deve ser uma pessoa empática. Por mais que tu sejas uma pessoa que não esteja a sofrer com aqueles problemas, deves te colocar no lugar daqueles que sofrem para saber defender a causa. Eu acho que, acima de tudo, a definição do activismo requer empatia.

An activist has to be empathetic, isn’t it? Empathy means that you must know how to put yourself in other peoples’ shoes. If I am an activist, it is due to a certain cause, because I know that the cause I am defending, in some way there are gaps, there are difficulties around that cause, and an activist must be an empathetic person. As much as you are a person who is not suffering from those problems yourself, you must put yourself in the place of those who suffer, to know how to defend the cause. I think, above all, that the definition of activism requires empathy.

A descoberta da minha sexualidade foi normal, apenas segui os meus instintos. Eu estou numa família que não tem muitas regras em casa, eles me respeitam como eu sou, apesar de algumas dificuldades, apenas uma e outra pessoa é que não me aceita. Então, eu sempre vivi assim, simplesmente a seguir os meus instintos. Tornei-me trans quando tive acesso a mais conhecimento e passei a perceber qual é na verdade a minha identidade. Foi através das pesquisas, eu pesquisava muito, lia muito, ia para Lambda às vezes participar de alguns debates. Então, acabei percebendo que eu me enquadrava muito mais na categoria trans. Neste caso, homem trans. A partir daí, a minha ideia mudou e comecei a ver-me como homem trans, como uma daquelas pessoas que não se considera mulher; considera-se homem, e que apesar de estar no corpo de uma mulher gosta de ser chamado por “ele” e tem atitudes masculinas. Aprendi que um homem trans não é, necessariamente, aquela pessoa que sofre a transformação da operação ou por tomar hormônios. Sem precisar fazer isso, já podes ser um homem trans. É assim como eu me defino, muito mais como um homem no corpo de uma mulher.

The discovery of my sexuality was normal, I just followed my instincts. I’m in a family where I don’t have many rules at home, they respect me as I am, despite some difficulties, only one person or the other didn’t accept me. So I always lived like that, just following my instincts. So, I became trans when I had access to more knowledge, and I started to understand what my identity really was. It was through research, I researched a lot, I read a lot, I went to Lambda sometimes to attend a few debates. So I ended up realizing that I fit in much better in the trans category. In this case, trans man. From then on, my ideas changed, and I started to see myself as a trans man, as one of those people who don’t consider themselves as women, who consider themselves as a man, who despite being in a woman’s body like to be called a “he”, and have masculine attitudes. I learned that a trans man is not necessarily a person undergoing transition through surgery, those surgeries, or taking hormones. Without you having to do this, you can already be a trans man. Because I define myself much more as a man in a woman’s body.

...

Eu gostava que a sociedade visse o homem trans como uma pessoa, tipo uma pessoa qualquer, e não como alguém de outro mundo. Alguém com os mesmos direitos, mesmos deveres, mesmas vontades, mesmos desejos, mas que apenas é diferente. Então, gostaria que a sociedade nos respeitasse mais, nos valorizasse mais. E não tratasse isso como se fosse algo anormal, mas tratar isso como algo, se calhar, especial. Sim, a sociedade às vezes não nos aceita. Ninguém é obrigado a aceitar, mas as pessoas têm o dever de respeitar.

I’d like society to see a trans man as a person, like any other person, and not like someone from another world. Someone with the same rights, same duties, same wants, same desires, but who is just different. So I’d like society to respect us more, value us more. And not treat this as something abnormal, but treat this as something, perhaps, special. Yes. Society sometimes doesn’t accept us. No one is forced to accept, but people have a duty to respect.



NAIFE
1992
Maputo



ERIC
1988
Maputo

Eu não me sentia bem em vestidos, sentia um incômodo. Chegou um certo momento que eu passei a pedir a minha mãe: “compra-me calções!” Mas ela ainda comprava vestidos, e aqueles vestidos eu só vestia quando ela voltasse do serviço mas, quando ela saía, eu ficava de interior e calções. De vestidos, eu sentia aquele incômodo. Quando eu comecei a trabalhar, eu voltava do serviço, da igreja, vestido de menina, e quando eu chegava em casa a primeira coisa que eu tirava, que me incomodava, era a roupa.

I didn't feel nice in dresses, I felt uncomfortable. At a certain point, I asked my mother: "Buy me shorts." But she'd still buy dresses, and those dresses I'd only put on when it was time for my mother to come back from work. But as soon as she'd leave, I was in my underwear, in shorts. With dresses, I was uncomfortable. When I started working, I'd come back from work, from the church, dressed as a girl, and when I'd get home the first thing I'd take off, which bothered me, were the clothes.

...

Eu conheço muitas pessoas trans que ainda estão nos armários, que ainda não se libertaram por terem medo, medo da família. Há pessoas que a família pode saber, mas pode não aceitar que elas se assumam. Tenho uma amiga, ela veste assim que nem eu, quando está na rua, mas quando está em casa tem que amarrar capulana, tem que por vestidos... E um dia eu lhe disse: “por que tu és assim? Estás a castigar a tua alma, a tua consciência vai ficar muito pesada, pois tu estás a viver uma vida dupla, dentro de casa és assim, fora és de outro jeito.” Se as pessoas dentro de casa não te aceitam, tu deves insistir, com amor, carinho e respeito. Não-de aceitar. Então, eu gostava que as pessoas nos vissem e nos aceitassem como pessoas, que nem elas, porque nós não somos anormais. Eu queria que elas nos vissem como pessoas normais, do jeito que nós olhamos a elas. Que também nos vejam, da mesma maneira.

I know many trans people who are still in the closet, who have not yet freed themselves because they are afraid, afraid of their families, too. There are people whose families may know, but may not accept that they come out. There is a friend of mine, she dresses like this, like me, when she is out on the street, but when she is at home she has to wear a capulana, she has to wear dresses... And one day I asked her: "Why are you like this? You are punishing your soul, your consciousness will become very heavy, because you are living a double life, inside your home you are like this, outside you are someone else." If people inside the home don't accept you, you must insist, with love, care and respect. They will accept you. So, I'd like people to see us and accept us as people just like them, because we are not abnormal. I'd want them to see us as normal people, the same way we see them. That they also see us in the same way.

Quando criança, eu não tinha noção do que era exactamente a homossexualidade. Na altura, eu me sentia diferente porque sempre gostei de coisas femininas, eu cozia roupinhas para as bonecas e minhas amizades eram mesmo femininas. Eu me sentia estranha, eu me sentia como a Beyoncé, gostava de coisas muito femininas. Até minhas cantoras preferidas eram todas femininas. Eu me sentia diferente apenas, porque não sabia o que era aquilo.

As a child, I had no idea what homosexuality was, exactly. At the time, I felt I was different because I always liked feminine things, I used to sew little clothes for the dolls and my friends were all girls, really. I felt strange, I felt like Beyoncé, I liked very feminine things. Even my favourite singers were all women. But I just felt different, because I didn't know what that was.

...

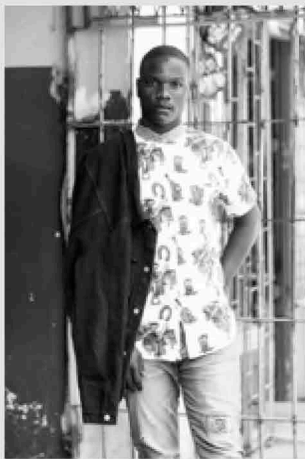
O maior desafio que nós temos é a discriminação. Tem que ser eliminada esta barreira, temos que lutar contra o preconceito. Precisamos que as pessoas saibam o que é a homossexualidade, o que é ser uma pessoa LGBT. Há certos sítios que uma mulher trans não passa porque sabe que ali as pessoas vão lhe falar vários nomes pejorativos, insultuosos. Então, a primeira barreira que temos de lutar, e que é um grande desafio, é eliminar o preconceito ou, pelo menos, minimizar. Quando eu me assumi, as coisas não eram fáceis, eu tinha que escolher certas ruas para passar. Porque eu já sabia que ali naquele canto tem certos jovens que irão falar nomes pejorativos, então, eu não passava por ali. Desde então, a mudança tem sido grande. Hoje em dia eu saio a qualquer hora, vou aos sítios que eu quiser, do jeito que eu quiser. Por acaso o Xipamanine é um mercado muito grande, mas lá naquela zona já estiveram certas mulheres trans a viver ali. Elas prepararam o terreno para nós, posso assim dizer. Elas habituaram as pessoas às mulheres trans. Em comparação com a Baixa, isso não aconteceu. Uma trans quando vai à Baixa, as pessoas querem olhar, querem pegar, não sei o quê. No Xipamanine não. Eu vou à vontade ao Xipamanine à qualquer hora, mesmo de saia curta.

The biggest challenge we face is discrimination. This barrier has to be eliminated, we have to fight against prejudice. We need people to know what homosexuality is, what it is to be an LGBT person. There are certain places that a trans woman doesn't go because she knows that people are going to call her various pejorative, insulting names. So, the first barrier that we have to fight against, and that is a great challenge, is to eliminate prejudice, to minimize it. When I came out, things were not easy, I had to choose the streets I could walk in. Because I already knew that there, on that street corner, there were certain young people who'd call me pejorative names, so I wouldn't walk that way. Since then, the change has been great. Nowadays, I go out any time, I go to whatever place I want, however I want. As it happens, Xipamanine is a very large market, but in that area there have been some trans women who were living there already. They were preparing the ground for us, so to speak. They got people used to trans women. In comparison with downtown, this did not happen. A trans woman, when she goes downtown, people want to stare at her, they want to touch her, I don't know what else.

Not at Xipamanine. I go to Xipamanine at any time, even wearing a short skirt.



KAKÁ
1995
Maputo



LIPE
1997
Maputo

Acho eu que com oito ou nove anos eu já via algo diferente em mim, pois eu já sabia que tipo de brincadeira eu queria brincar e que tipo não queria. Então, eu acredito que foi daí que eu comecei a despertar, e talvez com dez, onze e doze anos, fiquei meio perturbado, pois queria entender melhor o que se passava comigo. Na adolescência, comecei a teclar virtualmente, na altura no Facebook, com muitos jovens que também sentiam o mesmo. Eu namorava muito virtualmente. Eu não sabia que em Maputo existiam pessoas como eu, eu achava que eu era o único que tinha esses sentimentos. Já com 18 anos foi quando comecei a ver que aqui em Maputo existiam pessoas como eu. E foi mesmo com 18 que tive a minha primeira experiência. Conheci alguém e a partir daí fui conhecendo mais e mais pessoas. Fiquei assustado de início, mas acho que me aceitei quando comecei a me relacionar com mais pessoas no acto da amizade, porque eu cultivo muito a amizade. Eu tinha barreiras comigo próprio, barreiras em sair, eu tinha medo até de vestir certas roupas, mas desde que me aceitei eu disse “não, eu visto qualquer tipo de roupa, eu não posso sair da minha casa com uma roupa e depois ir trocar em casa de um amigo, isso não”. Acho que com a minha autoaceitação, muita coisa mudou, o meu jeito de pensar e de ver as coisas. Eu acredito que é muito importante alguém se autoapoiar e se aceitar. Então, quando olho para esta foto, vejo muita autoestima e muita confiança.

I think that at eight or nine years, I already saw something different in myself, because I already knew what kind of game I wanted to play and what type I didn't. So, I believe that it was from that time that I started to wake up, and when I was ten, eleven, and twelve years old, I was already a bit distressed, and I already wanted to understand better what was going on. In my teenage years, I started to chat online, at the time on Facebook, with other teenagers who felt the same. I did a lot of online dating. I, within myself, I didn't know that in Maputo there were other people like me, I thought I was the only one who had these feelings. When I was 18, I started to see that here in Maputo there were people like me. And, I think at 18, I had my first experience. I met someone, and then that was when I got to know more people, and more people. I was scared at first, but I think I accepted myself when I started to relate to more people in the act of friendship, because I value friendship a lot. I had barriers within myself, barriers to going out, I was afraid even to wear certain clothes. But since I accepted myself, I said: "No, I'll wear any type of clothes, I can't leave my house wearing something and then go change my clothes at my friend's home, I can't do it." I think that with my self-acceptance, a lot has changed, the way I think and the way I see things. I believe it is very important for someone to support themselves and accept themselves. When I look at this photo, I see a lot of self-esteem, a lot of confidence.

Eu me descobri muito cedo, acho eu, em 2013. Mas, só quando passei para o ensino secundário, com 16 anos, é que eu me assumi. Me tornei um travesti. Eu já vinha tendo aquela atracção por rapazes. Quando estávamos na juventude, eu tinha amigos que me diziam, “ah, estou a gostar daquela pita” e eu nunca gostei de nenhuma pita. Eu sempre queria ter um rapaz do meu lado.

I discovered myself, I think it was very early, in 2013. But when I started secondary school, at the age of 16, I came out. I became a travesti. I had already been feeling that attraction to guys. When we were young, I had friends who'd tell me: "Oh, I'm liking that girl." And I never fancied any girl. I always wanted to have a boy by my side.

...

O que eu quero transmitir nas fotografias é eu ser eu mesma. Não outra pessoa, mas ser eu mesma. Extrovertida, gosto de rir, gosto de ficar sexy, gosto de coisas ousadas, gosto de aparecer. Vendo as fotos me acho bonita e eu gosto que as pessoas apreciem a minha beldade, que olhem para a minha beldade do jeito como ela é. Tipo, quando alguém for a ver a foto, deve perceber que a pessoa é assim mesmo. Eu sou assim, ousada.

What I want to show in these photographs is me being myself. Not someone else, but being myself. I'm outgoing, I like to laugh, I like to be sexy, I like bold things, I like to show up. Seeing the photos, I think I am beautiful, and I like that people appreciate my beauty, that they look at my beauty for the way I am. Like, when someone looks at the picture, they will have to realize that this person is really like this. I'm like this, bold.

...

Eu escolhi o nome Stefany porque gosto muito da Lady Gaga e depois pesquisando a vida dela, descobri que o nome dela é Stefany. Então eu disse, porquê não? O que eu gosto nela é a ousadia, a presença. Ela é um tipo de pessoa, do tipo: “cheguei chegando, todo mundo tem que me olhar.” E esta atitude é, também, o que eu procuro mostrar cá do meu lado. Quando eu chego num sítio, todo mundo tem que me olhar. Por mais que tu não queiras dizer “oi”, a mim vais dizer um “oi” (Risos). Faz parte de mim, gostar de popularidade. Eu gosto de aparecer.

I chose the name Stefany because I like Lady Gaga a lot, and after researching her life I found out that her name is Stefany. So I said, why not? What I like about her is her boldness, her presence. She is a type of person, like, "I've arrived with a bang, everyone has to look at me." And this attitude is also what I try to show on my side. When I arrive at a place, everyone has to look at me. As much as you don't want to say "hi", you will say "hi" to me (Laughs). It's part of me, liking popularity. I like to stand out.



STEFANY
1995
Maputo



NERY
1994
Quelimane

Tudo começou aqui mesmo em Maputo, conheci alguém, foi tudo de repente. Eu não parava de pensar nela, não parava de trocar mensagens com ela. Marcamos um encontro e eu fui sincera com ela. Eu nunca havia ficado com uma mulher: Quando eu tinha os meus doze anos, eu dormia com uma minha amiga e a gente namorava entre mulheres, mas eu pensei que aquilo fosse uma coisa de criança, uma brincadeira. Agora estou a perceber que não, que se calhar eu já era lésbica, mas isso foi antes de me descobrir.

It all started right here in Maputo, I met someone, it was so sudden. I couldn't stop thinking about her, I kept exchanging messages with her. We set up a date and I was honest with her. I had never been with a woman. But when I was around 12, I had sleepovers with a friend of mine, and we kissed among us girls. But I thought this was children's play, a game. But now I'm realizing otherwise, that maybe I was already a lesbian. But this was before I discovered myself.

...

Eu não fiquei com medo de pousar para uma fotografia, porque é isto que eu sinto, percebes? Eu gosto de estar com uma mulher. Eu estava muito à vontade durante a sessão, eu aceitei fazer, não foi uma obrigação ou nada disso. Agora, eu gostava que a fotografia transmitisse uma energia, uma energia positiva, que fizesse com que as outras pessoas não sentissem vergonha e que as pessoas como eu ficassem mais à vontade, sem medo de serem julgadas. Eu não tenho vergonha de assumir aquilo que eu sou, aquilo que eu gosto. Eu falo a verdade.

I wasn't afraid to pose for the photo, because this is what I feel, you know what I mean? I like being with a woman. I was very comfortable during the shoot, I agreed to do it, it wasn't an obligation or anything of that sort. Now, I'd like the photograph to convey an energy, a positive energy, to make other people not feel ashamed, and to make people like me feel more comfortable, without fear of being judged. I am not ashamed to embrace what I am, what I like. I speak the truth.

...

As pessoas pensam que resolvi namorar com uma mulher por causa de uma decepção passada que eu sofri, enquanto não é nada disso. Eu acho que é falta de informação. Se as pessoas estivessem mais informadas, iam entender; iam saber que não, não é por causa de uma decepção, não é porque um homem me magoou. Não é possível. Se fosse assim, toda mulher já teria virado lésbica ou bissexual. É, porque ultimamente os homens nos decepcionam tanto.

People think that I decided to date women because of some past disappointment, while it's nothing like that. I think this stems from a lack of information. If people were more informed, they would understand, they would know that it's not because I lived a disappointment, it's not because a man hurt me. It's not possible. If that were the case, every woman would have already become lesbian or bisexual. Really, because lately men have disappointed us so much.

Eu cresci mesmo a saber da minha sexualidade. Cresci a saber que sou uma pessoa diferente dos outros homens. Então, não sei dizer quando é que eu me descobri porque eu sempre fui assim mesmo. Não houve aquilo de no final dizer: "Yes, na verdade eu sou assim". Eu não tive isso. Mas com o tempo fui descobrindo outras pessoas. No início, não que eu pensasse que eu fosse o único, mas não tinha amigos do género.

I grew up really knowing about my sexuality. I grew up knowing that I was different from other men. So I can't say when I discovered myself because I have always been like this anyway. There wasn't that moment of finally saying: "Yes, I'm actually like this." I didn't have that. But over time, I started to meet other people. Not that I ever thought I was alone, but at first I didn't have friends like that.

...

A sessão de fotografias foi uma experiência inovadora, eu fui aprendendo muita coisa. Vi que, na verdade, tenho mais talentos do que pensava (Risos). Quando vejo a fotografia, sinto-me como um modelo, sinto-me já uma modelo realizada.

The photo shoot was an innovative experience, I was learning a lot. I saw that I actually have more talents than I thought (Laughs). When I see the photograph, it makes me feel like a model. I feel like I'm an accomplished model already.



ZUBAÍDA
2001
Maputo

Na minha casa sempre há música, diversão e dança. Eu desde sempre gostei de dançar. Até minhas tias comentavam sempre com a minha mãe, que "essa aqui, o que se passa? o que se passa?". E minha mãe dizia para mim é algo normal, "Ele não está doente, não está louco. O importante é ter saúde e vida, e ele sabe que caminho toma. O destino é quem decide". Então, sim, eu gosto muito da dança, me faz esquecer muita coisa.

In my home, there is always music, fun, and there's dancing. Since always, I've liked to dance. Even my aunts used to say to my mother, "This one, what's up with him? What's happening?" And my mother replied that it was something normal, "He is not sick, he is not crazy. The important thing is to have health and a life, and he knows the paths he takes. The destiny is his to decide." So, yes, I like dancing a lot, it makes me forget a lot.

...

Adorei tirar as fotografias. Quando disseram que a foto iria sair preto e branco pensei que ia sair feia. Verdade, eu pensei que sairia horrível. Mas são tão chiques. Penso que sou lindo de verdade. Gostei muito, adorei.

I loved taking the pictures. When they said that they would come out in black and white, I thought they would come out ugly. Really, I thought they would come out awful. But they are so chic. I think I'm really beautiful. I really liked it, I loved it.



SHELLY
2002
Maputo



BECKY
1998
Maputo

Eu me considero trans no meu interior; no meu dia-a-dia. Mas ser trans não é fácil, é um pouco difícil. Mas, é tão engraçado, parece que há alguma coisa a aumentar dentro de mim; e ser trans é isso, é acordar, se assumir, sentir o teu corpo, sentir aquilo que ele diz lá no fundo.

I consider myself to be trans inside me, in my daily life. But being trans is not easy, it's a little difficult. But, it's so funny, it feels like there is something growing inside of me. And that's what being trans is, it is waking up, feeling your body, feeling what it says deep inside.

...

A sociedade não olha os homens trans de uma maneira tão bonita, porque olha e já vê uma mulher. Mas, a essência daquele homem já está ali, dando na cara. Então, eles olham e depois o que é que dizem? Tem muita pergunta que rola na cabeça deles: "Será que é um homem? Será que é uma mulher? Será que é bom o que aquela mulher está a fazer?". Eles não têm uma boa imagem quando olham para um homem trans, porque para eles um homem tinha que ser o que a sociedade deseja, e nós viemos nos transformando, entendes!? Nós nos transformamos em homens trans, por isso é que acabamos sendo mal olhados. Em Maputo, estamos preparados e ao mesmo tempo não estamos. Estamos porque aceitam-nos e respeitam-nos, mas as pessoas não estão preparadas para receber um homem trans ou uma mulher trans, entendes!? Elas ficam muito confusas, ficam naquilo de que: "será que posso falar com aquela pessoa? como me dirigir para essa pessoa?". Há muita confusão!

Society does not look at trans men in a very beautiful way because they look at us and already see a woman. But the essence of that man is already there, hitting you in the face. So, people look at us and what do they say? There are many questions running through their minds: "Is this a man? Is this a woman? Is what that woman doing good?" So, they don't have a good image when they look at a trans man, because for them a man has to be what society wanted, and we have been transforming ourselves, right? We transformed ourselves into trans men, that's why we are seen in a poor light. In Maputo, we are well prepared and at the same time we are not. We are because people accept us and respect us, but they are not prepared to receive a trans man or a trans woman, you know what I mean? People get confused, they get stuck in that thing: "Can I speak to this person? How do I address this person?" There is a lot of confusion.

Aprendi sobre a questão trans aos poucos. Começou quando uma amiga me convidou para participar de um concurso "Miss Extravaganza" organizado pela Lambda. Foi quando eu disse a essa amiga: "mas eu não sou trans." Ela respondeu: "Tu és, só não sabes ainda." Então, decidi dar ouvidos. Participei do concurso e gostei, né? Gostei de estar perante o público, trajado de mulher, senti-me muito à vontade. Era um concurso drag, pois depois tivemos de fazer uma imitação de música, uma performance. Antes, eu tinha aqueles pensamentos e falava para mim mesmo: "Não, eu não posso vestir-me de mulher; eu não posso não sei quê..." E hoje, olha, visto-me de mulher e sinto-me mais à vontade ainda, porque saí do armário. O concurso me ajudou a sair do armário, a ser uma pessoa assumida.

I learned about the trans issue little by little. It started when a friend invited me to participate in a contest, Miss Extravaganza, organized by Lambda. That's when I told this friend: "But I'm not trans." She replied: "You are, you just don't know it yet." So, I decided to listen to her. I took part in the contest and I liked it, right? I liked being in front of the public, dressed as a woman, I felt very comfortable. It was a drag contest, because then we had to prepare a lip-sync, a performance. Before this happened, I had those thoughts, and told myself, "No, I can't dress like a woman, I can't do I-don't-know-what..." And today, look at me, I dress like a woman and feel even more comfortable, because I came out of the closet. The contest helped me to come out of the closet, to be an outspoken person.

...

A sessão de fotos foi uma coisa boa. Eu gosto de fazer fotos. Uma vez à outra, é muito bom nos sentirmos modelos, estarmos ali diante das câmaras, a posar. Foi muito bom, mostrar as pessoas que nós existimos, que também queremos ter o nosso espaço. Certo que, algumas pessoas ao redor falavam de nós, comentavam. Do tipo, "mas como pode um homem fazer aquilo dali? Como pode um homem fazer não sei quê?" As pessoas olhavam e comentavam. Mas a coisa toda era mais para mostrar às pessoas que nós existimos e eu gosto deste tipo de atitude.

The photo shoot was a good thing. I like taking pictures. Once in a while, it is very good to feel like a model, to be there in front of the cameras, posing. It was great, to show people that we exist, that we also want to have our space. Certainly, some people around were speaking about us, passing comments. Like, "But how can a man do that? How can a man do I-don't-know-what?" People were staring and passing comments. But the whole thing was more to show people that we exist, and I like this type of attitude.



BRUNNA
1993
Maputo



MILENA
2000
Naamacha

A minha sexualidade, eu descobri depois de um tempo, já crescida. Eu mantinha relações sexuais com homens e não sentia nenhum prazer. E cada noite que eu saía, para ter com amigas, para curtir, eu sempre apreciava o corpo feminino. Então acabaram me perguntando: “tu és realmente mulher ou o quê?” Na altura eu também fui procurar mais informação, fui tentar saber sobre mim mesma, acabei me libertando, né? E descobri que a minha sexualidade não era aquela que eu achava que eu tinha. E depois daí, eu me assumi como uma lésbica. Tive a minha primeira namorada os 17 anos. Depois disso, a minha vida tem sido essa. Eu aceitei essa oportunidade de fazer as fotografias porque eu quero que a homossexualidade seja aceite em todo o mundo. E também por causa do preconceito. Eu queria demonstrar que nós existimos e vamos lutar por um espaço nosso na sociedade.

I discovered my sexuality after some time, I was already grown up. I used to have sexual relations with men, but felt no pleasure in them. And every night I'd go out, to meet my girl friends, to have fun, I'd always admire the female body. So people ended up asking me: “So, after all, are you really a woman, or what?” At that point, I also started to seek out more information, I was trying to learn about myself, and I finally freed myself, right? I found out that my sexuality wasn't what I thought it was. After that, I came out as a lesbian. I had my first girlfriend when I was 17 years old. After that, this has been my life. I accepted the opportunity of taking these photos because I want homosexuality to be accepted all over the world. Also because of prejudice. I wanted to show that we exist, and that we will fight for a place of our own in society.



SHEILA
Idade Desconhecida/
Age Unknown
Maputo

Com os meus oito, nove, dez anos, por aí, eu já demonstrava sinais da minha orientação. Eu já amarrava capulana, essas coisas todas. Aquilo acontecia porque lá na zona onde eu vivia, em Laulane, eu brincava muito com meninas. Havia um grupo de xitchuketa que sempre vinha me chamar para participar. Então, sei lá, acabei descobrindo que eu sou dessa orientação. Depois, eu posso dizer que foi na televisão que pela primeira vez eu vi um gay. Vi e disse para mim: “Uau! Afinal existe, somos da mesma família”.

When I was eight, nine, ten years old, I was already showing signs of my orientation. I already wore capulanas, all that stuff. That happened because there in the area where I lived, in Laulane, I played a lot with the girls. There was a group of xitchuketa who'd always come to ask me to join them. So, I don't know, I ended up discovering that I am from this orientation. Then, I can say that it was on television that I first saw a gay man. I saw it and told myself: “Wow! After all, this exists, we are from the same family.”

Hoje em dia, a situação está boa, porque agora as coisas são outras. Já não é como há muito tempo. Hoje, uma pessoa anda à vontade, livremente. Eu posso sair assim aqui no Bagamoyo, as pessoas vão simplesmente olhar enquanto eu estou a caminhar.

Nowadays, the situation is good, because things are different now. It's no longer like it was a long time ago. Now, a person can walk freely, can walk at ease. I can go out like this here in Bagamoyo, people will simply look at me as I walk by.

Dói muito quando as pessoas te olham e dizem insultos. Outros nos olham e dizem: “é mulher aquilo?”. E nós já estamos habituados a ouvir isso todos os dias, isso é o pão nosso de cada dia. Nas primeiras vezes é claro que dá aquele medo, né? Você responder a coisas como: “ora, você é lésbica porque você se dececionou com homem, você ainda não sentiu um pénis”. Isso eu ouvi, e eu cresci a ouvir. Dói. Você fica sem saber o que responder por medo de apedrejarem. Yhá! Isso já me intimidou muito, mas eu superei. Fui vendo que, epá, eu não sou nenhum animal, não sou demônio como eles dizem, e não sofri nenhuma decepção amorosa para eu me tornar lésbica. Eu nasci e cresci assim e me descobri aos poucos.

It hurts a lot when people look at you and insult you. Other people look at us and say: “Are those women?” And we are already used to hearing that every day, that is our daily routine. The first few times, of course I was a little afraid, right? To respond to comments like: “Well, you are a lesbian because you were disappointed by a man, you have not yet felt a penis.” I have heard this, I grew up hearing this. It hurts. You don't know how to respond, because you are afraid people will stone you. Yah! I was afraid of this, but no longer. I started to see that, well, I am not an animal, I am not the devil as they say, and I am not a lesbian because of a heartbreak. I was born this way, and I discovered myself slowly.

...

Foi divertido tirar fotos na rua porque acredito que tivemos uma plateia. Nós ali a fazer fotos e pessoas estão ali a olhar. Eles queriam descobrir o que realmente somos. Mesmo aqueles que estavam ali a trabalhar nas empresas, olhavam para a malta, tipo: “uau! acho que é mulher, acho que é homem”. E aquilo ali foi poderoso, ver aquilo, né? Porque depois de terminarmos de fazer as fotos, alguns se aproximaram de nós e perguntaram o que realmente somos, e o que se estava a passar. Então a malta explicou que se trata de mundo trans, de gays e lésbicas. Foi bem nice.

It was nice to take pictures on the street because I think we had an audience. We were there shooting and the people around were staring. They wanted to know what we really were. Even the people working in the businesses nearby, they looked at us, like: “Wow! I think it's a woman, I think it's a man.” And that was powerful, to see that, right? Because after we were done some people came to talk to us, they asked what we were, what we were doing. And we explained we are trans, gays and lesbians. It was very nice.



SANDRA
1991
Maputo



Nota Sobre Outros Corpos Nossos

Aghi

Sempre gostei de pensar que no início da arte figurativa havia apenas um ponto e uma linha, coordenadas perdidas no nada. Do diálogo eterno entre este ponto e esta linha nascem todas as imagens que conhecemos. Por esta razão, nunca deixarei de agradecer a Marilú, por ter encontrado um nome para este livro.

Outros corpos nossos.

Obrigado por este plural, que abriu um campo de infinitas possibilidades, gentilmente apontando para o território misterioso onde todas as pessoas envolvidas neste livro se encontraram, rigorosamente por acaso. Aí mesmo, onde um ponto e uma linha se expandiram até encontrar uma história, novas histórias, outras histórias.

Obrigado por esta alteridade.

Há um livro que levo sempre comigo, chamado Outras Américas. Todos nós conhecemos o autor.

Ainda hoje este título me dá um arrepio.

Esta alteridade abre-nos à contemplação de múltiplos horizontes e contém a consciência de que sempre existem novas fronteiras, novos territórios aos quais nos concedermos.

Foi num destes espaços que nos encontramos, cosmogonia pequena, ignorando fronteiras como piratas, humanidade crioula que pediu para se contaminar, deslizando neste plano infinito onde novos pontos e novas linhas se encontrarão, e haverá outras Áfricas, outras Américas, outros corpos a explorar.

Aghi é um artista visual que trabalha principalmente com fotografia. Formou-se no Instituto Italiano de Fotografia de Milão e completou seus estudos na Metropolitan Film School de Londres, em cinema e direcção de fotografia. O foco de sua pesquisa é a relação entre espacialidade, memória e psicologia por meio da fotografia de paisagem e fotografia de rua. Nesta abordagem, o plano fotográfico é sempre prefigurado como um momento que se transcende, colocando em diálogo a exploração psico-geográfica, o situacionismo e a arte performativa. Nos últimos três anos tem pesquisado visualmente o tema do inconsciente coletivo ao longo do tempo e da história com uma série de projectos em Moçambique. Outros Corpos Nossos é um deles.

Note on Other Bodies of Ours

Aghi

I always like to think that at the beginning of figurative art there was only one point and one line, coordinates lost in the middle of nothing.

From the eternal dialogue between this point and this line, all the images we know were born.

For this reason, I will never cease to thank Marilú, for having found a name for this book.

Other bodies of ours.

Thank you for this plural, which opened up a field of infinite possibilities, gently pointing to the mysterious territory where all the people involved in this book met, strictly by chance. Over there, where a point and a line expanded to find a story, new stories, other stories.

Thank you for this alterity.

There is a book that I always carry with me, called Other Americas. We all know the author.

To this day, this title gives me a shiver.

This alterity opens us to the contemplation of multiple horizons and carries the awareness that there are always new frontiers, new territories to which we offer ourselves.

It was in one of these spaces that we found ourselves, small cosmogony, ignoring borders like pirates, Creole humanity that asked to be mixed, sliding in this infinite space where new points and new lines will meet, and there will be other Africas, other Americas, other bodies to explore.

Aghi is a visual artist, mainly using photography. He graduated at the Italian Institute of Photography in Milan and completed his studies at the Metropolitan Film School in London in filmmaking and direction of photography. The focus of his research is the relationship between spatiality, memory and depth psychology through landscape photography and street photography. In these terms the shot is always prefigured as a moment that transcends itself, putting in dialogue psychogeographic exploration, situationism and performance art. In the last three years he has been visually researching the theme of collective unconscious through time and history with a series of projects in Mozambique. Outros Corpos Nossos is one of them.

Silêncios Falados

Pamina Sebastião

Sempre pensei que os silêncios nos dessem uma oportunidade para também nos falarmos. Por isso gosto de lhes chamar silêncios falados. Demorou até perceber como descrever a isso que chamo os silêncios falados. Tive que voltar à infância para os conseguir explicar.

Quando os penso, volto sempre aos momentos que tive na infância com a minha irmã no carro dos meus pais. Éramos sempre quatro, eu, ela, e os meus pais e no fim de cada viagem de carro sentia sempre que eu e ela, no misto das conversas que os meus pais tinham no banco da frente, tínhamos conversado por horas a fio.

É esse falar invisível, mas completamente perceptível, que chamo silêncios falados. O tom dos nosso olhares, os movimentos dos nossos corpos, os sons dos nossos respirares comunicavam numa cumplicidade que tinha voz. Era um lugar de confiança de quem nem precisa dizer nada em voz de quem fala para perceber tudo.

Esse sentimento do que é possível dentro dessa intimidade de energias tem me percorrido até hoje. É

nesse percurso que no activismo de reivindicação pela existência de quem somos, corpos pensados “outros”, que me lembro sempre dos silêncios falados.

Seja nas imagens, nos arquivos fantásticos que criamos, que em voz de dizer que não se ouvem mas que tanto falam ganhando voz pelo tom das suas cores, pelas sombras de luzes escolhidas, pelos olhares penetrantes capturados que se movem de uma foto para outra, pelos gestos que ganham forma de movimento vezes e vezes sem conta.

Seja pelas convivências cúmplices que vamos criando ao longo deste viver activista que nos retiram do lugar de solidão e geram a confiança necessária para nos falarmos em silêncios.

Seja tudo isso e tantas outras formas desse silêncio que aqui ainda não consigo nomear. A verdade é que os silêncios falados fazem parte de uma convivência necessária para a mudança. Eles nos permitem transformar e revolucionar as coisas que geram o nosso silêncio.

Gosto muito dessa potência que é nos falarmos em silêncio. E nos falarmos em imagens tem essa beleza de ser em silêncio sorrateiramente lindo e brilhantemente falado em várias vozes.

Quando vos falo de imagem não me refiro somente a ideia dos silêncios falados nas fotos, mas também a sua beleza do movimento que conta histórias e sentimentos seja em forma de dança ou de teatro.

Não sei ainda distinguir com quantas vozes se fala em silêncio, mas há duas que tenho dado conta o longo dos

tempos. Uma é a voz de quem decide quebrar o silêncio e se falar pela primeira vez. Essa voz, nomeia a nossa existência. Há um potencial tremendo nessa voz. Ela nos retira do lugar de “outro “e nos acompanha numa batalha de dizer que a nossa essência também é real.

A outra voz é o que intitula de “a voz da sombra”. Esta é uma voz que nem sempre vemos, está ali escondida à espera de que a lentidão do tempo nos mostre o que não conseguimos ver ainda.

Quando quero lhe explicar sempre falo em vultos que acontecem numa foto ou mesmo numa dança ou peça de teatro. Há ali luzes, sons, seres que não conseguimos ver naquele momento. Talvez pela lentidão do tempo, mas que ali se encontram presentes à espera do momento certo de as vermos.

Esta voz é o potencial de encontro a nós mesmos. Ela renega não só a categoria do “outro”, mas a ideia de nos resignificarmos dentro dos ideais dessa categoria.

É que ao nos definirmos como resposta da alteridade definida por outrem continuamos a dar resposta a uma ideia sobre nós criada por outro alguém, alimentando essa ideia e pertencendo às suas categorias e as suas definições da nossa existência.

A voz sombra nos traz uma resposta que é a imaginação e criação de nós por nós. Perguntando que corpos então podem ser construídos se nossa existência não for a construção de nós nos termos da categoria de resposta ao sermos “ou-tro”?

É possível isso?

Os silêncios falados passam então a ser uma dimensão crucial que nos navega entre tempos. Um que nos traz a voz certa para nomearmos o que nos traz silêncio, e assim nos falarmos, e outra que nos traz o que ainda não chegou, mas já está aqui, propondo um outro lugar, um outro caminho até nós.

O que aconteceria então se falássemos desses silêncios mais vezes?

O que aconteceria então se nosso activismo tivesse sido estruturado num lugar de cumplicidade energética para nos falarmos em silêncios?

O que aconteceria se deixássemos a nossa voz sombra navegar a existência sobre nós ao invés de uma reposta a inserção do nosso corpo a categoria “outro”?

Pamina Sebastião é activista visual multidisciplinar que mistura seus textos e usa o seu corpo para uma discussão sobre a colonialidade no contexto Luandense.

Spoken Silences

Pamina Sebastião

I always thought that silences also gave us an opportunity to talk to each other. That’s why I like to call them spoken silences.

It took me a while to figure out how to describe what I call spoken silences. I had to go back to childhood to be able to explain them.

When I think about them, I always go back to the moments I had in my childhood with my sister in my parents’ car. There were always four of us, me, her, and my parents, and at the end of each trip I always felt that her and I, in the mix of conversations my parents had had in the front seat, had also talked for hours on end.

It is this invisible but completely perceptible speech that I call spoken silences. The tone of our eyes, the movements of our bodies, the sounds of our breathing communicated in a complicity that had a voice. It was a place of confidence for those who do not even need to say anything, in the voice of someone who speaks to understand everything.

This feeling of what is possible within this intimacy of energies has travelled with me until today.

It is on this trajectory, when doing the activism of asserting the existence of who we are, of our bodies

thought of as “other”, that I always remember these spoken silences.

Be it in the images, in the fantastic archives that we create, in a voice of speaking that cannot be heard but says so much through the tonalities of its colours, through the chosen shadows and lights, through the penetrating glances captured, moving from one picture to another, or through the gestures that take the shape of movement time and time again.

Be it in the complicit coexistences that we create throughout this activist life, which removes us from a place of solitude and generates the necessary confidence to speak in silence.

Be it in all of this and so many other forms of this silence that I still cannot name here. The truth is that the spoken silences are part of a necessary coexistence for change. They allow us to transform and revolutionize the things that generate our silence in the first place.

I really like this power that is speaking in silence. And talking through images has a beauty of being in silence, sneakily beautiful and brilliantly spoken in various voices.

When I speak to you about the image, I am not only referring to the idea of the silences spoken in the photos, but also to the beauty of the movements that convey stories and feelings, whether in the form of dance or acting.

I still don’t know how to distinguish how many voices are spoken in silence, but there are two that I’ve been thinking about for some time.

One is the voice of someone who decides to break the silence and speak for the first time. This voice names our existence. There is tremendous potential in that voice. It removes us from the place of the “other” and follows us into a battle to say that our essence is also real.

The other voice is what I call “the voice of shadow”.

This is a voice that we don’t always see, it is hidden, waiting for the slowness of time to show us what we haven’t yet been able to see.

When I want to explain it, I always think of the fuzzy figures that appear in a photograph or even in a dance or a play. There are lights, sounds, beings we cannot see at that moment, perhaps due to the slowness of time, but they are present there, waiting for the right moment to let us see them.

This voice is the potential of encountering ourselves. It disowns not only the category of the “other”, but also the idea of reframing ourselves within the frames of that category.

Because when we define ourselves as a response to an “otherness”, defined by someone else, we continue to respond to an idea about ourselves created by someone else, feeding that idea and placing ourselves in its categories and its definitions of our existence.

The voice of shadow brings us an answer that is the imagining and creation of us by us. We can then ask what bodies can be built if our existence is not the construction of us in terms of the categories of and responses to being an “other”.

Is that possible?

The spoken silences then become a crucial dimension that moves us across times. One that brings us the right voice to name what brings us silence, so we can speak, and another that brings us what has not yet arrived, but is already here, proposing another place, another way for us, towards us.

What would happen, then, if we talked about these silences more often?

What would happen if our activism was structured in a place of energetic complicity, so we could speak in silence?

What would happen if we let our shadow voice navigate our existence, instead of subscribing to the inscription of our body in the category of “other”?

I think that this essay is an attempt to speak to us about these silences, bringing us under the intense stares of a lived death. This simple phrase from Tiffany “I died so I could live!” still echoes in my head.

We die so that this “other” body of the experience of our being can move away, giving space to the possibility of life that has not yet arrived, perhaps.

Under the intense expressions of those who register themselves in these photos, I see the semblance of those who are expected.

Waiting for the arrival of a life in a body, now, only ours.

Pamina Sebastião is a visual multidisciplinary activist who uses their texts and their bodies to promote a debate on sexuality and coloniality in the context of Luanda, Angola.

Outros Corpos Nossos

Mnapemgo Námoda

...

E quando pela primeira vez eu beijei uma Mulher
senti que me beijava também
que me amava também
Naquele tempo eu ainda me entendia e identificava apenas como Mulher
Hoje,
infinitas possibilidades
...

I.

Por todas as mentiras que aceitamos como verdades, eu imagino que o absurdo quando
acorda todas as manhãs na sua vasta cama cheia de flores,
mesmo antes de abrir os olhos, se ri das nossas caras

Como pudemos acreditar que, dos tantos e tantos zilhões de seres humanos que habitam
este planeta, existem apenas dois sexos biológicos, duas identidades de géneros e uma,
apenas uma identidade sexual?

Como pudemos acreditar que o amor se expressaria em apenas um formato?

II.

Na história da humanidade sempre houve corpos e identidades híbridas
corpAs

Em quase todos os continentes, as mais diversas culturas identificaram mais de dois
géneros e vivenciaram um terceiro (quarto, quinto...) corpo

O facto desses corpos não fazerem parte da nossa narrativa histórica
e do nosso consciente colectivo, tanto global como local,
deve(penso eu) atentar-nos para o problema “cultura africana”

ao falarmos da nossa identidade precisamos ter em conta que
a percepção sobre quem somos é, igualmente, uma denúncia
ao genocídio cultural à que ainda estamos submissos na colonialidade

O que hoje pensamos sobre nós é

um corpo híbrido
entre o que somos
o colono disse-nos que somos
o que rejeitamos desses discursos e também o que aceitamos deles

O que hoje pensamos sobre nós é

um emaranhado
dos efeitos do tempo e suas transformações político-sociais
profundamente assentes na sua carne de supremacia branca, Cis-masculina, Ocidental
e seus dentes capitalistas predatórios

O que hoje pensamos sobre nós

é um choro que não tem lugar para chorar

Um corpo que perdeu o seu terceiro braço, precisa continuar e se pensa completo

III.

...

encontros com o Ifá
desenterrando corpos
tacteando caminhos
...

O Ifá é um sistema tradicional de práticas espirituais, oriundo do povo Yorùbá na actual
Nigéria

Uma forma de vida que busca uma relação harmónica com o todo
Através da observação da Natureza e do culto aos ancestrais

No Ifá

as forças da Natureza são representadas por diversas entidades espirituais
chamadas de Orixás

A medida que durmo com os Orixás
percebo que suas representações ultrapassam as noções de género, sexualidade e afecto
que a moderna binaridade simples nos impõe
Percebo que a partir dessas representações podemos talvez,
aprender e expandir a nossa compreensão

O ponto de partida no Ifá é
o entendimento do masculino e feminino como energias
como qualidades inerentes a toda e qualquer vida
a todo corpo
seja este humano, animal ou vegetal
independente da identidade de género ou orientação sexual
Que pode, portanto, se assumir múltipla, fluida, plural...

Assim **são** (é) Oxumaré o Orixá que representa o género fluido
Orixá serpente que governa as transformações, os ciclos
a fluidez e as transições de todos os tipos
De tal modo que até a sua noção moderna condensada no termo LGBTQIP+
me parece se tornar redutora

Oxumaré são mulher / *femme* durante uma metade do ano
e homem / masculino na outra metade
Oxumaré nos lembra que
as identidades híbridas, múltiplas, fluídas e transitórias
são parte da Natureza e, portanto, são sagradas

Oxumaré nos lembra que
Mãe-Pai Deus vive fora do binário!
Oxumaré nos presenteia, com a cura e o poder da serpente
Oxumaré representa a natureza cíclica, a transformação
Oxumaré é o Orixá que reafirma:
Sim, debaixo da saia do tio Joaquim tem uma vagina

Entender a complexidade de que Oxumaré - e outros Orixás - nos apresentam, me ajuda a
abrir espaço para compreender as múltiplas configurações de género, sexualidade e afecto
que se constituíram pelo continente antes da colonização

No Uganda, o povo Ankole, elegia uma mulher para se vestir de homem e assim se tornar um oráculo do deus *Mukasa*; No Reino do Daomé no actual Benin havia um regimento feminino de guerreiras chamado mino (nossas mães). Elas eram mulheres solteiras e sem filhos, consideradas como tendo traços masculinos ou agressivos; Em Bangala, na actual República Democrática do Congo, as crenças animistas eram sustentadas por xamãs que se vestiam com roupas de mulher para ganhar a habilidade de solucionar crimes como assassinato; No Quênia e na Tanzânia, *Mashoga* é um termo suaíli que conota uma variedade de identidades no continuum de género, embora vagamente usado para indicar homens gays, uma grande proporção de *mashoga* são homens biológicos que muito cedo adoptam o género feminino e desempenham um papel crucial nas cerimónias de casamento¹...

IV.

E, caso considere que todas essas Áfricas são ainda distantes da nossa, lembro,
as fronteiras que conhecemos hoje são uma construção colonial
Enquanto povo Bantu, a nossa identidade ancestral tem origem cultural e linguística na
região dos Grandes Lagos, entre o antigo reino de Benin - actual Nigéria - e os Camarões
Origem esta que partilhamos com centenas de povos/países desde a região Ocidental
Central até ao Sul do continente

Esses corpos outros são nossos também

V.

Entretanto, há que sublinhar
não estou aqui para pregar em nome de nada
Isto não é sobre Direitos Humanos
- - graças às Deusas -
- nem mesmo é em nome de um resgate dessa tal identidade africana

A questão aqui é muito mais simples
creio
É que não pode ser tolerável que
Enquanto pessoas adultas tenhamos de viver em permanente reivindicação
pelo direito à viver no próprio corpo

Tem sido doloroso observar que
de tudo o que há de mais potente
de tudo que desafia o projecto da modernidade colonial
Vive em permanente ameaça de morte

Os/As *Mashona*
As identidades Trans e Travestis
As Mulheres
Os saberes ancestrais
Os Mares
A Mãe Natureza

Existências que transbordam fronteiras
Que borram, que sujam e ultrapassam
Corpos fundos demais para serem uma coisa só

Por tudo isso, à mim, diante das fotografias de Aghi
e de tudo que esses “ outros corpos nossos” me sugerem
cabe-me usar desta oportunidade para provocar
Para acordar
qualquer coisa
- - em nós -
- Um pensar, um sentir
Qualquer coisa
que exista para além
de tudo isso
Além da cultura e de tudo mais

Formas de se ser livre que ainda não tenham nome
ou que seus nomes se tenham perdido nas dobras do tempo

VI.

Sobre esses outros corpos nossos
Cabe-me usar deste encontro para acima de tudo e sobretudo
celebrar
celebrar, as fluidas configurações e formas
em que (re) existimos e podemos existir
Sentir
Expressar e vivenciar
as infinitas formas de ser e amar!

VII. Axé!

Mmapengo Námoda pesquisa e experimenta práticas a partir de cosmologias africanas onde através da arte constrói espaços/momentos para possibilitar autocura, retorno e fim de mundo.

¹A MAP OF GENDER-DIVERSE CULTURES https://www.pbs.org/independentlens/content/two-spirits_map-html

Other Bodies of Ours
Mnapemgo Námoda

...

And when I first kissed a Woman
I felt that I was also kissing myself
that I also loved myself

At that time I still understood myself and identified myself only as a Woman
Today,
there are infinite possibilities

...

I.

For all the lies we accept as truths, I imagine the absurd feeling when you wake up
every morning in your vast bed full of flowers,
even before you open your eyes you laugh at our faces

How could we ever believe that of the many zillions of human beings that inhabit this
planet there are only two biological sexes, two gender identities and one, only one
sexual identity?

How could we ever believe that love is to be expressed in just one form?

II.

In the history of mankind there have always been hybrid bodies and identities

On almost all continents the most diverse cultures have identified more than two genders
and experienced a third (fourth, fifth...) body

The fact that these bodies are not part of our historical narrative
and our collective consciousness both globally and locally
should, I think, call our attention to the problem of "African culture"

What we today think of ourselves is

a hybrid body
between what we are
what the settler told us we are
what we reject from these discourses and also what we accept from them

What we today think of ourselves is

an entanglement
of the effects of time and its political-social transformations
deeply rooted in this white supremacist, Cis-male, Western flesh
and their predatory capitalist teeth

What we today think of ourselves is

it's a cry that has no place to cry
a body that has lost its third arm, but needs to continue and is thought of as complete

III.

...

encounters with Ifá
unearthing bodies
groping paths

...

Ifá is a traditional system of spiritual practices originating from the Yorùbá people
of present-day Nigeria

A way of life that seeks a harmonious relationship with the whole
Through the observation of Nature and the cult of the ancestors

In Ifá

the forces of nature are represented by several spiritual entities
called Orixás

As I sleep with the Orixás

I realize that their representations go beyond the notions of gender, sexuality and affect
that modern simple binarisms impose on us
I realize that from these representations we can perhaps,
learn and expand our own understanding

The starting point of Ifá is
the understanding of the masculine and the feminine as energies
as qualities inherent to each and every life
in every body
whether it is human, animal or plant
regardless of gender identity or sexual orientation
Which can therefore be assumed to be multiple, fluid, plural...

So Oxumaré are (is) the Orixá that represents gender fluidity
A serpent-Orixá who governs transformations, cycles
fluidity and transitions of all kinds

In such a way that even its modern condensation in the term LGBTQIP+
seems to me to become reductive

Oxumaré are women/femme for half of the year
and male/male in the other half

Oxumaré reminds us that
hybrid, multiple, fluid and transitory identities
are part of nature and therefore are sacred

Oxumaré reminds us that

Mother-Father God lives out of the binary!

Oxumaré presents us with the healing power of the snake

Oxumaré represents the cyclical nature of transformation

Oxumaré is the Orixá who affirms:

Yes, under Uncle Joaquim's skirt there is a vagina

Understanding the complexity that Oxumaré – and other Orixás – put before us, helps me
to open up a space to understand the multiple configurations of gender, sexuality and affect
that were in place on this continent before colonisation

In Uganda, the Ankole people chose a woman to dress as a man and thus become an oracle of the god Mukasa; In the Kingdom of Dahomey in present-day Benin there was a female regiment of female warriors called mino (our mothers). They were single and childless women, considered to have masculine or aggressive traits; In Bangala, in the present-day Democratic Republic of Congo, animistic beliefs were supported by shamans who dressed in women's clothing to gain the ability to solve crimes such as murder; In Kenya and Tanzania, mashoga is a Swahili term that connotes a variety of identities on the gender continuum. Although loosely used to indicate gay men, a large proportion of mashoga are biological men who very early adopt the female gender and play a crucial role in wedding ceremonies¹...

IV.

And if you think that all these Africas are far from ours, I remind you,
the borders we know today are colonial constructions
As a Bantu people, our ancestral identity has a cultural and linguistic origin in the Great Lakes
region, between the ancient kingdom of Benin – present-day Nigeria – and Cameroon
We share these origins with hundreds of peoples/countries from the Western
Central and Southern regions of our continent

These other bodies are ours too

V.

However, it is necessary to underline
I'm not here to preach in the name of anything
This is not about Human Rights
- - thanks to the Goddesses -
- This is not even about rescuing an African identity

The question here is much simpler
I believe
It is not acceptable that
We as adults have to keep on living in constant revindication
of the right to live in our own body

It has been painful to observe that
of all that is most powerful
all the things that challenge the project of colonial modernity
Live in the permanent threat of death

The Mashona
Trans and Travesti identities
Women
Ancestral knowledges
The Oceans
Mother Nature

Beings that spill over borders
That smudge, mess up and surpass
Bodies too deep to be one thing only

For all this, in face of Aghi's photographs
in face of everything that these "other bodies of ours" suggests to me
it is up to me to take this opportunity to provoke
To wake up
something
- - in us -
- A thought, a feeling
Anything
that exists beyond
all of this
Besides culture and everything else

Ways of being free that are yet to be named
or whose names have been lost in the folds of time

VI.

On these other bodies of ours
I want to use this encounter above all and especially
to celebrate
celebrate, the fluid configurations and forms
by which we (re) exist and in which we can exist
To feel
Express and experience
the infinite ways of being and loving!

VII.

Axé!

Mmapengo Námoda researches and experiments with African practices and cosmologies. Through art, she seeks to build spaces and moments to enable movements of self-healing, return, and end of the world.

¹A MAP OF GENDER-DIVERSE CULTURES https://www.pbs.org/independentlens/content/two-spirits_map-html



Sobre o Arquivo Queer GALA /MaThoko’s Books

GALA é uma organização que catalisa a produção, preservação e disseminação de informação sobre a história, cultura e experiências contemporâneas das pessoas LGBTIQ na África do Sul. Enquanto um arquivo construído sobre os princípios da justiça social e dos direitos humanos, GALA continua a trabalhar para uma maior conscientização sobre as vidas e experiências das pessoas LGBTIQ na África do Sul, e em África de forma mais ampla. Assim, seu foco principal é preservar e cultivar as narrativas e a cultura LGBTIQ, bem como promover a igualdade social, a educação inclusiva e o desenvolvimento da juventude.

GALA publica sob a sua própria marca, Mathoko’s Book, um espaço de publicação raro para a escrita LGBTIQ, e para trabalhos acadêmicos sobre temas relacionados a questões LGBTIQ em África.

About GALA Queer Archive /MaThoko’s Books

GALA is a catalyst for the production, preservation and dissemination of information about the history, culture and contemporary experiences of LGBTIQ people in South Africa. As an archive founded on principles of social justice and human rights, GALA continues to work towards a greater awareness about the lives and experiences of LGBTIQ people in South Africa, and Africa more broadly. Thus their main focus is to preserve and nurture LGBTIQ narratives and culture, as well as promote social equality, inclusive education and youth development.

GALA publishes under their imprint, MaThoko’s Books, a rare publishing outlet for LGBTIQ writing and scholarly works on LGBTIQ-related themes in Africa.

Sobre a LAMBDA

A LAMBDA – Associação Moçambicana para defesa das Minorias Sexuais – é uma organização de âmbito nacional de cidadãos moçambicanos que advogam pelo reconhecimento dos Direitos Humanos das pessoas LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero). Foi constituída em 2006, fruto de uma reflexão colectiva sobre a situação dos direitos LGBT na sociedade moçambicana. A LAMBDA tem como visão: uma sociedade onde os direitos dos cidadãos LGBT são respeitados pelos cidadãos, garantidos por lei e assegurados pelo estado. E tem como missão liderar o movimento LGBT e mobilizar a sociedade, tornando-a favorável a promoção dos direitos económicos, políticos e sociais dos cidadãos LGBT. Desde a sua constituição, a LAMBDA tem levado a cabo uma série de iniciativas à escala nacional, de educação pública, sensibilização e formação da sociedade civil sobre várias temáticas LGBT, com vista a promover e ampliar uma visibilidade positiva da comunidade LGBT, projectar e extreitar os laços institucionais da organização com entidades parceiras, bem como proporcionar momentos lúdicos e de intercâmbio entre a comunidade LGBT e a sociedade no geral.

About LAMBDA

LAMBDA – Mozambican Association for the Defence of Sexual Minorities – is a nationwide organisation run by Mozambican citizens who advocate for the recognition of the human rights of LGBT people. Founded in 2006, it grew out of a collective reflection over the state of LGBT rights in Mozambican society. LAMBDA’s vision is to create a society where the rights of LGBT citizens are respected by fellow citizens, protected by law, and upheld by the state. Its mission is to lead the LGBT movement and mobilise society’s support of the promotion of the economic, political and social rights of LGBT citizens. Since its constitution, LAMBDA has carried out a series of initiatives on a national scale, including activities in public education and sensitisation and training of civil society on various LGBT themes. LAMBDA aims to expand and promote the positive visibility of the LGBT community, projecting and strengthening the organisation’s ties with public and private partner institutions, as well as promoting playful moments and exchanges between the LGBT community and society at large.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro sistema de armazenamento e recuperação, sem permissão prévia por escrito da editora.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopy, recording or any other storage and retrieval system, without prior permission in writing from the publisher.

Colaboradores da Publicação/*Publication Contributors* :

Fotógrafo/Photographer : Aghi
Editor/Editor : Caio Simões de Araújo
Participantes/Participants : Drica, Tyfane, Pepetsa, Machachito, Jennifer, Minaj, Luan, Blue, Lipe, Daymon, Inocêncio, Abirage, Zubaida, Shelly, Stefany, Paixão, Brunna, Hanhane, Liloca, Sheila, Kaká, Becky, Naife, Eric, Danny, Lenny, Nery, Milena, Sandra
Autores/Authors : Caio Simões de Araújo, Francelino Zeúte, Nelson Mugabe, Aghi, Pamina Sebastião, Mnapemgo Námoda
Tradutor/Translator : Caio Simões de Araújo
Transcrições/Transcriptions : Nelson Mugabe
Revisão/Proofreader : Lóide Sambo, Jennifer Malec
Desenho/Design : Karin Tan

ISBN: 978-0-620-94402-1 (print)
ISBN: 978-0-620-94401-4 (web pdf)

MaThoko's Books (an imprint of GALA Queer Archive)
7th Floor University Corner
corner Jorissen Street and Bertha Street
Johannesburg
South Africa
+27 11 717 4239
gala.co.za

Project in partnership with Lambda
Av. Marien Ngouabi, 112 NA
Maputo
Mozambique
+258 21 418 067
lambdamoz.news

Para ver ou descarregar a versão digital desta publicação, visite GALA.co.za.

To view or download a digital version of this publication, visit GALA.co.za

Impresso pela primeira vez em 2021 por MaThoko's Books, Joanes- burgo, África do Sul.

First printed in 2021 by MaThoko's Books, Johannesburg, South Africa

Parte da pesquisa para este projeto de livro foi conduzido com suporte do Projeto Governing Intimacies, da Universidade do Witwatersrand, com fundos da Andrew W. Mellon Foundation.

Some of the background research for this book was conducted with the support of the Governing Intimacies project, University of Witwatersrand, with funds from the Andrew W. Mellon Foundation.

Financiado pela Fundação Rosa Luxemburgo (RLS), com fundos do Ministério Federal para Cooperação Económica e Desenvolvimento da República Federal da Alemanha.

Sponsored by the Rosa Luxemburg Stiftung (RLS) with funds from the Federal Ministry of Economic Cooperation and Development of the Federal Republic of Germany.







Published by
MaThoko's Books